

NOORA ROBERTS

Pedra Pagã

Tradução de Fernanda Semedo

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

Onde não há profecia, o povo corrompe-se.

— PROVÉRBIOS, 29:18

Não tenho nada a oferecer, senão sangue, esforço, suor e lágrimas.

— WINSTON CHURCHILL

Para velhos amigos

PRÓLOGO

*Mazatlán, México
Abril de 2001*

O sol manchava de rosa-pérola o céu, que ao longe mergulhava na água muito azul que se desfazia em ondas na branquíssima areia da praia onde Gage Turner passeava. Levava os velhos *Nike* pendurados ao ombro pelos atacadores quase desfeitos. As bainhas das calças de ganga estavam puídas e as próprias calças há muito que tinham desbotado até ficarem brancas nos pontos de maior pressão. A brisa tropical acariciava-lhe o cabelo que não via barbeiro há mais de três meses.

Gage supunha que o seu aspeto não era melhor que o dos vagabundos que ainda ressonavam, dispersos pela areia. Também dormira em praias mais de uma vez, em momentos de pouca sorte, e sabia que em breve chegaria alguém para os enxotar, antes que os turistas endinheirados acordassem para tomar o café no quarto.

De momento, apesar da necessidade de um duche e de se barbear, estava em maré de sorte. Muita sorte. Com os ganhos da noite ainda quentes no bolso, pensou em trocar o quarto com vista para o mar por uma suite.

Aproveita enquanto podes, pensou, porque o dia de amanhã pode deixar-te liso.

O tempo esgotava-se, escorria, como aquela areia branca beijada pelo sol escorreria de um punho fechado. Faltavam menos de três meses para fazer vinte e quatro anos e os sonhos já tinham começado. Sangue e morte, fogo e loucura. Tudo isso e Hawkins Hollow pareciam situar-se num mundo diferente do daquela suave aurora tropical.

Mas viviam no seu íntimo.

Destrancou a grande porta de vidro do quarto, entrou e atirou os ténis

para o chão. Depois de acender as luzes e fechar as cortinas, tirou os ganhos do bolso e dobrou as notas descuidadamente. Com a taxa de câmbio atual, tinha mais de seis mil dólares americanos. A noite não fora nada má. Na casa de banho, abriu o fundo de uma lata de creme de barbear e guardou as notas.

Protegia o que era seu. Aprendera a fazê-lo desde criança, escondendo pequenos segredos para que o pai não os encontrasse e destruísse numa fúria bêbada. Podia ter-lhe escapado qualquer noção de educação universitária, mas aprendera muito nos seus quase vinte e quatro anos de vida.

Deixara Hawkins Hollow no verão em que acabara a escola secundária. Guardara o que era seu, erguera o polegar e zarpara.

Fugira, pensou Gage, despiando-se para tomar duche. O trabalho abundava, ele era jovem, forte, saudável e não era esquisito. Porém, aprendera uma lição fundamental enquanto cavava buracos, acartava lenha e, sobretudo, durante os meses em que suara as estopinhas numa plataforma petrolífera no mar. Podia fazer mais dinheiro com as cartas do que com os músculos.

E um jogador não precisava de casa. Só precisava de jogo.

Entrou no chuveiro e abriu a água quente, que lhe escorreu sobre a pele bronzeada e os músculos rijos, sobre o espesso cabelo preto a precisar de um corte. Pensou vagamente em encomendar café e comida, depois decidiu que, antes, dormiria algumas horas. Outra vantagem da sua profissão, na opinião de Gage. Ia e vinha conforme lhe apetecesse, comia quando tinha fome, dormia quando estava cansado. Definia as suas próprias regras e quebrava-as quando lhe dava jeito.

Ninguém exercia qualquer controlo sobre ele.

Isso, porém, não era completamente verdade, admitiu ao examinar a cicatriz branca no pulso. Os amigos de um homem, os seus verdadeiros amigos, exerciam sempre algum controlo sobre ele. E não havia amigos mais verdadeiros que Caleb Hawkins e Fox O'Dell.

Irmãos de sangue.

Tinham nascido no mesmo dia do mesmo ano e, tanto quanto se sabia, à mesma hora. Não se lembrava de um momento em que os três não tivessem sido... uma unidade, supunha que era a palavra certa. O rapaz da classe média, o miúdo *hippie* e o filho de um bêbado abusador. Provavelmente, não tinham nada em comum, refletiu Gage, com um sorriso a curvar-lhe os lábios e a aquecer-lhe os olhos verdes. Mas eram família, eram irmãos muito antes de Cal lhes ter cortado os pulsos com a faca de escuteiro para selar o pacto.

E isso mudara tudo. Ou não? Talvez apenas tivessem aberto uma porta para o que sempre estivera ali, à espera.

Recordava tudo vividamente, cada passo, cada detalhe. Começara como uma aventura — três rapazes na véspera do seu décimo aniversário, percorrendo os bosques. Carregados com uma revista de mulheres nuas, cerveja e cigarros, contribuições suas. Comida de plástico e *Coca-Colas*, contribuição de Fox, e o cesto de sandes de piquenique e limonada que a mãe de Cal lhes preparara. Claro que Frannie Hawkins nunca lhes teria arranjado o piquenique se soubesse que planeavam acampar à noite junto da Pedra Pagã, no bosque de Hawkins.

Todo aquele calor húmido, recordou Gage, a música no rádio e a inocência completa que carregavam juntamente com as bolachas e que perderiam antes de voltarem a sair dos bosques, na manhã seguinte.

Gage saiu do duche e esfregou o cabelo a escorrer com uma toalha. Nesse dia, doíam-lhe as costas por causa da sova que o pai lhe dera na noite anterior. Enquanto estavam sentados em redor da fogueira, os vergões latejavam. Recordava isso, assim como recordava a maneira como a luz piscara e ficara suspensa sobre a superfície cinzenta da Pedra Pagã.

Recordava as palavras que tinham escrito para proferirem durante o ritual em que Cal os tornara irmãos de sangue. Lembrava-se da dor súbita que a faca lhe provocara na carne, da sensação dos pulsos de Cal e de Fox sobre o seu, ao misturarem o sangue dos três.

E das explosões, do calor e do frio, da força e do medo, quando esse sangue misturado gotejara sobre a terra ardida da clareira.

Lembrava-se da massa negra que emergira da terra, e da luz que quase os cegara. Recordava a pura maldade daquela negrura, o brilho surpreendente do branco.

Quando tudo terminou, não tinha vergões nem manchas nas costas, não sentia qualquer dor e, na sua mão fechada, encontrava-se um terço de uma pedra-de-sangue. Ainda a trazia consigo, e sabia que Cal e Fox também guardavam as suas. Três partes de um todo, como calculava que eles próprios também fossem.

Nessa semana, Hollow enlouquecera e fora devastada por uma espécie de praga que infetara pessoas boas e normais e as levava a praticar atos horríveis. E, durante sete dias, de sete em sete anos, a loucura voltava.

E ele também voltava, pensou Gage. Que escolha tinha?

Nu, ainda húmido do duche, estendeu-se na cama. Restava-lhe tempo para mais alguns jogos, para praias quentes e palmeiras baloiçantes. Os bosques verdes e as montanhas azuis de Hawkins Hollow ficavam a milhares de quilómetros de distância, até julho.

Fechou os olhos e, como se treinara a fazer, adormeceu quase instantaneamente.

E com o sono chegaram os gritos e os choros, e o fogo devorando alegremente madeira, pano e carne. O sangue corria quente sobre as suas mãos, que arrastavam os feridos para lugares seguros. Durante quanto tempo?, perguntou-se. E como sabia que eram lugares seguros? Não poderia a vítima transformar-se em carrasco?

Era a loucura que governava as ruas de Hollow.

No sonho, encontrava-se com os amigos no extremo sul da Main Street, do outro lado da Qwik Mart e das suas quatro bombas de gasolina. O treinador Moser, que conduzira os *Bucks* de Hawkins Hollow à vitória no campeonato do último ano escolar de Gage, balbuciava e ria às gargalhadas, ensopando-se a si mesmo, ao chão e aos edifícios com a gasolina das bombas.

Correram os três para o treinador, exatamente no momento em que, qual troféu, Moser erguia o isqueiro e retouçava nas poças de gasolina como um miúdo nas poças de chuva. Continuaram a correr mesmo quando o homem acendeu o isqueiro.

Houve um relâmpago e um estrondo, que lhe fez arder os olhos e explodir os ouvidos. A força do calor e do ar lançaram-no para trás e ele aterrou com a sensação de ter os ossos todos misturados. Nuvens de fogo, que o impediam de ver, cuspiam para o céu pedaços de madeira e cimento; estilhaços de vidro e espirais de aço ardente voavam por todo o lado.

Gage sentiu o braço partido a tentar recompor-se, o joelho destroçado a sarar com uma dor pior que a da própria ferida. Cerrando os dentes, rolou e o que viu parou-lhe o coração dentro do peito.

Cal jazia na rua, ardendo como uma tocha.

Não, não, não, não! Arrastou-se, gritando, procurando oxigénio no ar imundo. E ali estava Fox, de barriga para baixo, numa poça crescente de sangue.

E o demónio surgiu, uma mancha negra naquele ar ardente, tomando a forma de um homem. E sorriu.

— A morte não tem cura, pois não, rapaz?

Gage acordou, trémulo e amortalhado em suor. Acordou com o fedor da gasolina a queimar-lhe a garganta.

A hora chegou, concluiu.

Levantou-se, vestiu-se e começou a fazer as malas para a viagem de regresso a Hawkins Hollow.

UM

Hawkins Hollow, Maryland
Maio de 2008

O sonho acordou-o de madrugada e isso foi perturbador. Por experiência, Gage sabia que seria inútil tentar conciliar novamente o sono enquanto tivesse no cérebro imagens de sangue e fogo. Quanto mais se aproximava julho, mais perto estavam os Sete, mais vivos e doentios eram os sonhos. Preferia estar acordado e a fazer alguma coisa, que a lutar contra pesadelos.

Ou visões.

Saíra dos bosques, naquele mês de julho de há tanto tempo, com um corpo que se curava sozinho e com o dom da visão. Contudo, Gage não confiava inteiramente na precognição. Escolhas diferentes conduziam a ações e a resultados diferentes.

Sete anos antes, quando chegara julho, desligara as bombas de gasolina da Qwik Mart e tomara a precaução adicional de trancar o treinador Moser numa cela. Nunca poderia saber se, com isso, salvara as vidas dos amigos, ou se o sonho não passara de um sonho.

Mas ele jogava com as probabilidades.

E continuava a fazê-lo, pensou, ao pegar num par de boxers para o caso de não estar sozinho em casa. Voltara, como acontecia de sete em sete anos. E, desta vez, aceitara juntar-se às três mulheres que tornavam o trio constituído por ele, Cal e Fox, num grupo de seis.

Cal estava noivo de Quinn Black, a bomba loira e escritora paranormal que passava muitas vezes a noite lá em casa. Daí ser desaconselhável descer as escadas nu para ir fazer café. Mas a agradável casa de Cal nos bosques parecia-lhe vazia, tanto de pessoas como de fantasmas, e até o grande

e preguiçoso cão de Cal, *Lump*, parecia ausente. E isso era melhor, porque Gage preferia a solidão, pelo menos enquanto não bebesse café.

Calculou que Cal tivesse passado a noite na casa que as três mulheres alugavam na cidade. Como Fox se atirara de cabeça para um relacionamento com a morena *sexy*, Layla Darnell, também eles deviam estar em casa das mulheres ou no apartamento de Fox, por cima do seu escritório de advocacia. Fosse como fosse, estariam juntos, e com o talento de Fox para introduzir pensamentos nas cabeças dos outros, tinham maneiras de comunicar que não exigiam telefones.

Gage pôs o café a fazer e foi ver como estava lá fora.

Só mesmo o Cal, pensou, para construir uma casa no extremo do bosque onde as suas vidas tinham sido viradas do avesso. Mas Cal era mesmo assim, do género que tomava uma posição e se aferrava a ela. E o facto era que, para quem gostasse do encanto bucólico, aquela era a localização ideal. Os bosques verdes, com os últimos cornizos selvagens da primavera e o dourado da montanha a brilhar ao sol, ofereciam uma imagem de tranquilidade — a quem ignorasse o que, de facto, se passava ali. O declive cortado em terraços diante da casa explodia de cor com os arbustos e árvores ornamentais, enquanto lá em baixo, no sopé, o ribeiro serpenteante borbulhava.

Aquilo era exatamente o que convinha a Cal, assim como à sua namorada. Quanto a si, Gage achava que a tranquilidade o enlouqueceria no prazo de um mês.

Voltou para a cozinha, bebeu o café forte e escuro. Levou uma segunda caneca para cima. Quando acabou de tomar duche e de se vestir, foi atacado pela inquietação. Tentou apaziguá-la com algumas jogadas de Solitário, mas a casa estava demasiado... sossegada. Pegou nas chaves e saiu. Iria à procura dos amigos e, se não estivesse a acontecer nada, talvez fosse passar o dia a Atlantic City, em busca de alguma ação.

Era uma viagem tranquila, mas a verdade era que toda a Hollow era um local quieto, um borrão no mapa onde os campos de Maryland se espalhavam para oeste, que se animava com o desfile anual do Dia da Memória, com os fogos de artifício do 4 de Julho no parque, a ocasional representação teatral da história da Guerra Civil. E claro, a loucura que andava à solta de sete em sete anos.

Lá em cima, as árvores formavam um arco sobre a estrada e, ao lado, um ribeiro serpenteava. Depois, a vista abria-se para colinas pontilhadas de rochas, montanhas distantes e um céu de delicado azul primaveril. Aquele não era o seu lugar, nem os campos nem a cidade que albergavam. As probabilidades eram de que morresse ali, mas, mesmo assim, continuaria a não ser o seu lugar. Porém, apostava que não só sobreviveriam, como derrotariam o que empestava Hollow. Apostava que, desta vez, acabariam com ele.

Passou pela Qwik Mart, onde a sua premonição ou a sorte tinham levado a melhor sete anos antes, e depois pelas primeiras casas e lojas apuradas ao longo da Main. Avistou o camião de Fox no exterior do edifício onde este morava e trabalhava. Tanto o Cofee Shop como a Ma's Pantry estavam abertos, servindo pequenos-almoços a uma multidão de gente. Uma mulher com uma grande barriga de gravidez e uma criança pequena pela mão saíram da padaria com um enorme saco branco. O miúdo falava pelos cotovelos enquanto a mãe avançava como um pato pela Main.

Ali estava a antiga loja de presentes, agora vazia, que Layla, a namorada de Fox, alugara para abrir uma boutique. A ideia fez Gage abanar a cabeça. A esperança crescera, calculava, muito incentivada pelo amor.

Entrou na praça principal da cidade e deu uma olhadela rápida ao Bowl-a-Rama, uma instituição municipal e o legado de Cal. E desviou o olhar. Vivera ali outrora, com o pai, por cima do clube de bólingue. Vivera ali com o fedor de cerveja azeda e cigarros, sob a ameaça constante dos punhos ou do cinto.

Bill Turner continuava a viver ali e a trabalhar no clube. Dizia-se que se mantinha sóbrio há cinco anos. Gage estava-se nas tintas, desde que o velho se mantivesse à distância. Como o pensamento lhe fez arder as entranhas, calou-o e pô-lo de lado.

Junto da berma, parou atrás de um *Karmann Ghia*, propriedade de Cybil Kinski, o sexto elemento do grupo. A cigana voluptuosa partilhava o seu dom da precognição — tal como Quinn partilhava a capacidade de Cal de ver o passado e Layla partilhava a de Fox: ler o que se ocultava no presente. Calculava que isso, de alguma forma, os tornava parceiros, e a ideia preocupava-o.

A mulher era um espetáculo, sem dúvida, pensou ao avançar para a casa. Esperta, sábia e ardente. Noutro sítio, noutro momento, teria sido interessante fazer algumas jogadas com ela e ver quem sairia vencedor. Mas a ideia de que alguma força exterior, poderes antigos ou mágicos, desempenhassem um papel para os juntar fizera Gage desistir da sua mão.

Para Cal e Fox era uma coisa, envolverem-se com as suas mulheres. Ele, simplesmente, não era feito para o longo prazo. O instinto dizia-lhe que até mesmo o curto prazo com uma mulher como Cybil seria demasiado complicado para o seu gosto e estilo.

Não bateu à porta. Usavam a casa alugada e a de Cal como uma espécie de bases, pelo que não lhe pareceu necessário. Ouviu música — algo New Age —, só flautas e gongos. Virou-se para o sítio donde esta provinha, e lá estava Cybil. Usava calças pretas, largas, e um top que revelava uma barriga lisa e rija, e braços elegantemente musculados. Os selvagens caracóis pretos fugiam-lhe da fita com que os prendera.

As unhas dos pés descalços ostentavam verniz cor-de-rosa vivo.

Enquanto a observava, ela apoiou a cabeça no chão e ergueu o corpo. Abriu as pernas, perpendiculares ao solo e torceu-se como se o seu tronco fosse uma espécie de dobradiça. Com fluidez, baixou uma perna até o pé pousar completamente no chão, transformando-se numa ponte erótica. Com movimentos que não revelavam qualquer esforço, mudou de posição, empurrando uma perna por cima da anca e dobrando a outra para trás. Com a mão, puxou o pé até este ficar atrás da cabeça.

Gage considerou o facto de não se estar a babar uma prova da sua imensa força de vontade.

Cybil dobrou-se, contorceu-se, desenrolou-se, *arranjou-se* em posições que pareciam impossíveis. A sua força de vontade não era tão sólida que não pensasse que qualquer mulher assim tão flexível devia ser fantástica na cama.

Estava arqueada, com o pé preso atrás da cabeça, quando uma centelha naqueles profundos olhos negros lhe indicou que tomara consciência da sua presença.

— Não me deixes interromper.

— Não deixo. Estou quase a acabar. Vai-te embora.

Embora lamentasse perder o fim da sessão, foi para a cozinha e serviu-se de uma caneca de café. Encostado à bancada, notou que o jornal do dia estava dobrado em cima da mesinha, que a tigela de comida que Cal deixava ali para *Lump* estava vazia e a da água, meio cheia. O cão já devia ter tomado o pequeno-almoço mas, se mais alguém o fizera, voltara a arrumar a loiça. Como as notícias, de momento, não lhe interessavam, sentou-se e lançou uma mão de Solitário. Ia no quarto jogo quando Cybil entrou.

— Estás muito madrugador.

Gage pôs um oito vermelho sobre um nove preto.

— O Cal ainda está na cama?

— Parece que está toda a gente a pé. A Quinn arrastou-o para o ginásio. — Serviu-se de café, depois pegou no cesto do pão. — Queres um *bagel*?

— Sim.

Depois de cortar um cuidadosamente em duas partes, lançou-as para dentro da torradeira.

— Tiveste um sonho mau? — Inclinou a cabeça quando ele ergueu o olhar para ela. — Eu tive um, acordou-me ao romper do dia. O Cal e a Quinn também. Não falei com eles, mas imagino que o Fox e a Layla, que estão em casa dele, tiveram o mesmo género de despertador. O remédio da Quinn são pesos e máquinas, o meu é ioga. O teu... — Apontou as cartas.

— Toda a gente teve qualquer coisa.

— Demos um pontapé nos tomates do Grande Velhaco há alguns dias. Temos de estar preparados para a sua vingança.

— Quase morremos queimados por causa disso — recordou-a Gage.

— *Quase* funciona para mim. Voltámos a juntar magicamente as três peças da pedra-de-sangue. Realizámos um ritual de sangue. — Ela estudou o corte quase curado na palma da mão. — E sobrevivemos para contar a história. Temos uma arma.

— Que não sabemos como usar.

— E ele sabe? — Cybil apressou-se a tirar pratos e queijo para barrar os *bagels*. — Será que o nosso demónio sabe alguma coisa que nós não sabemos acerca disto? Giles Dent infundiu poder naquela pedra, na clareira, há mais de trezentos anos e, teoricamente, usou isso como parte do feitiço que induziu o demónio, na sua forma de Lazarus Twisse, a uma espécie de limbo onde Dent conseguiu prendê-lo durante anos.

Ela cortou habilmente uma maçã e dispô-la num prato enquanto lava.

— Nessa altura, o Twisse não sabia nem reconhecia o poder da pedra-de-sangue, e também não parecia reconhecê-lo centenas de anos depois, quando o vosso ritual de rapazinhos o libertou e a pedra se quebrou em três partes iguais. Se seguirmos essa lógica, ainda hoje não sabe mais que antes, o que nos dá uma vantagem. Podemos ainda não saber como funciona, mas sabemos que funciona. — Virando-se, ofereceu-lhe o seu *bagel* num prato. — Reconstruímos uma pedra única a partir dos seus três pedaços. O Grande Velhaco não é o único aqui que tem poder!

Ligeiramente fascinado, Gage observou Cybil a cortar a sua metade de *bagel* ao meio, antes de barrar os dois quartos com uma camada de queijo tão fina como película aderente. Enquanto ele barrava a sua profusamente, ela sentou-se e deu uma dentada que Gage calculou que consistisse em cerca de meia dúzia de migalhas.

— Podias limitar-te a olhar para uma fotografia de comida, em vez de te dares ao trabalho de a preparar. — Quando ela apenas sorriu e deu mais uma dentada minúscula, ele continuou: — Vi o Twisse matar os meus amigos. Vi-o incontáveis vezes, de incontáveis formas.

Os olhos dela encontraram os dele, sombrios de entendimento.

— É o raio da nossa precognição, ver os potenciais, as possibilidades, num *technicolor* brutal. Eu estava com medo quando fomos à clareira para realizar o ritual. Não era só medo de morrer, embora não queira morrer. De facto, sou firmemente contra isso. O que me assustava era sobreviver e assistir à morte das pessoas que me são mais próximas e, pior, ser de alguma forma responsável por ela.

— Mas foste lá.

— Fomos lá. — Ela escolheu uma fatia de maçã e deu uma dentada minúscula. — E não morremos. Nem todos os sonhos, nem todas as visões são... escritos na pedra. Tu voltas. Todos os Sete, tu voltas.

— Fizemos um juramento.

— Sim, quando tinham dez anos. Não estou a menosprezar o valor dos juramentos feitos na infância — continuou ela. — Mas tu voltarias, mesmo que não tivesses jurado. Voltas pelos teus amigos, pelo Cal e pelo Fox. Eu vim pela Quinn, por isso compreendo a força da amizade. Eu e tu não somos como eles.

— Não?

— Não. — Erguendo o café, ela bebeu lentamente. — A cidade, as pessoas que aqui vivem, não são nossas. Para o Cal e o Fox, e agora num sentido muito real para a Quinn e para a Layla, isto é o seu lar. As pessoas fazem grandes esforços para proteger os lares. Para mim, Hawkins Hollow é apenas um lugar onde, por acaso, me encontro. A minha casa é a Quinn, e agora também a Layla. E, por extensão, por conexão, também o Cal e o Fox. E, ao que parece, também tu. Não deixarei a minha casa enquanto não a souber segura. De outra forma, embora pudesse achar tudo isto fascinante e intrigante, não derramaria o meu sangue. — O sol brilhava através da janela da cozinha e formava um halo sobre o cabelo dela, fazendo brilhar as pequenas argolas de prata das suas orelhas. — Acho que tu o farias.

— A sério?

— Sim, porque tudo isto te irrita. Se virmos bem, uma das coisas que te faz ficar é queres dar cabo do demónio. — Comeu mais um pedaço ínfimo de *bagel* e sorriu-lhe. — Percebes-me. E aqui estamos nós, Turner, dois pares de pés inquietos, plantados pelo amor e pela irritação. Bem. Quero tomar o meu duche — decidiu. — Importas-te de ficar pelo menos até a Quinn e o Cal voltarem? Desde que a Layla teve aquela situação das «cobras na casa de banho», tenho medo de tomar duche quando estou sozinha em casa.

— Não há problema. Vais comer o resto disso?

Cybil empurrou um quarto de *bagel* em que não tocara na direção dele. Quando se levantava para ir ao lava-loiça lavar a caneca de café, ele examinou a mancha preta e azul na parte de trás do ombro dela. Fê-lo recordar que tinham levado uma sova na noite de Lua cheia na Pedra Pagã e que ela, ao contrário dos três homens, não se curava momentos depois de ser ferida.

— Tens uma nódoa negra feia no ombro.

Ela encolheu os ombros.

— Devias ver o rabo.

— Está bem.

Com uma gargalhada, ela olhou por cima do ombro.

— Retoricamente falando. Tive uma ama que acreditava que uma boa palmada construía o carácter. Sempre que me sento, lembro-me dela.

— Tiveste uma ama?

— Tive. Mas, palmadas à parte, gosto de pensar que fui eu que construí o meu próprio carácter. O Cal e a Quinn não devem demorar. Podias fazer mais café.

Enquanto ela se afastava, Gage examinou o rabo em questão. Do melhor, decidiu. Era uma mulher interessante e, na sua opinião, uma mistura complicada dentro de uma embalagem muito agradável. Embora tivesse um fraquinho por embalagens agradáveis, preferia conteúdos simples para jogar e se divertir. Mas, para a vida e para a morte, pensou, Cybil Kinski era exatamente o que o médico lhe receitara.

Ela levava uma arma na excursão à Pedra Pagã. Uma .22 com uma pequena pega de pérola, que usara com a capacidade fria e calculista de um mercenário veterano. Fora ela que fizera a pesquisa acerca de rituais de sangue — e também as genealogias que provavam que as três mulheres descendiam do demónio conhecido como Lazarus Twisse e de Hester Deale, a rapariga que este violara três séculos antes.

Além disso, sabia cozinhar. Refilava por causa disso, cogitou Gage ao levantar-se para fazer mais uma cafeteira de café, mas sabia o que fazer numa cozinha. Respeitava o facto de ela, em geral, dizer o que lhe ia na mente e de manter a cabeça fria durante as crises. Não era nenhuma mulherzinha débil à espera de ser resgatada.

Cheirava a segredos e sabia a mel quente.

Naquela noite, na clareira, beijara-a. Claro que julgara que morreriam todos num fogo sobrenatural e aquilo fora um gesto de «que se lixe». Mas lembrava-se perfeitamente do seu sabor.

Talvez não fosse inteligente pensar naquilo — ou no facto de ela estar lá em cima naquele momento, molhada e nua. Mas um tipo tinha de se entreter com alguma coisa nos intervalos da luta contra um mal antigo. E, curiosamente, já não sentia disposição para ir a Atlantic City.

Ouviu a porta da frente abrir-se e a súbita explosão do riso concupiscente de Quinn. Tanto quanto Gage podia ver, bastava aquela gargalhada para Cal ter ganho o *jackpot* com aquela mulher. Quando se acrescentava o corpo curvilíneo, os grandes olhos azul-bebé, o cérebro, o humor e a coragem, o seu amigo só podia estar nas suas sete quintas.

Gage voltou a encher a caneca de café e, ouvindo apenas os passos de Cal a aproximarem-se, tirou outra caneca do armário.

Cal pegou nela, disse olá e abriu o frigorífico em busca de leite.

Para um homem que devia estar a pé desde o romper da aurora, Cal

parecia muito animado, notou Gage. O exercício podia libertar endorfinas mas, se Gage fosse um homem de apostas — e sem dúvida que o era —, apostaria o seu dinheiro em como era a mulher que lhe plantava a primavera à soleira da porta.

Os olhos cinzentos de Cal estavam brilhantes, o rosto e o corpo descontraídos. O cabelo loiro-escuro estava húmido e cheirava a sabonete, o que indicava ter tomado duche no ginásio. Misturou leite no café e tirou uma caixa de cereais de um armário.

— Queres?

— Não.

Com um resmungo, Cal deitou os cereais numa tigela e juntou leite.

— Sonho de equipa?

— Parece que sim.

— Falei com o Fox. — Cal comeu os cereais encostado à bancada da cozinha. — Ele e a Layla também tiveram um. Como foi o teu?

— A cidade sangrava — começou Gage. — Os edifícios, as ruas, toda a gente com azar suficiente para estar na rua. O sangue borbulhava dos passeios, escorria pelos edifícios. E tudo ardia enquanto sangrava.

— Sim, foi isso mesmo. É a primeira vez que temos os seis o mesmo pesadelo, que eu saiba. Isto tem de querer dizer alguma coisa.

— A pedra-de-sangue voltou a ficar completa. Fomos nós os seis que a juntámos. A Cybil acredita muito na pedra enquanto fonte de poder.

— E tu?

— Acho que tenho de concordar, o que quer que isso valha. O que sei é que temos menos de dois meses para perceber. Se tanto.

Cal acenou com a cabeça.

— Está a chegar mais depressa e com mais força. Mas nós magoámo-lo, Gage. Já o magoámos a sério duas vezes.

— Esperemos que à terceira seja de vez.

Gage não ficou na casa. Em princípio, as mulheres passariam uma boa parte do dia a procurar respostas em livros ou na Internet. Reveriam os quadros, mapas e gráficos, tentando encontrar qualquer perspetiva nova. E falaria de tudo aquilo até à exaustão. Cal iria até ao Bowl-a-Rama e Fox abriria o escritório. E ele, pensou, era um jogador sem jogo.

Por isso, dispunha do dia livre.

Podia voltar a casa de Cal, fazer alguns telefonemas, escrever uns *e-mails*. Também tinha as suas linhas de pesquisa para seguir. Há anos que estudava e lidava com a demonologia e o folclore, em cantos improváveis

do mundo. Ao comparar os seus resultados com as descobertas de Cybil, Layla e Quinn, as coisas tinham-se entrelaçado muito bem.

Deuses e demónios haviam-se guerreado desde tempos muito anteriores à existência dos homens. Devido às lutas, o seu número fora tão reduzido que, quando o primeiro homem se arrastou sobre a terra, em breve os ultrapassou. *O tempo do homem*, como Giles Dent lhe chamara, de acordo com os diários escritos pela sua amada, Ann Hawkins. E, no tempo do homem, apenas um demónio e um guardião sobreviveram — não que acreditasse nisso, pensou Gage, mas só um lhe interessava pessoalmente. Mortalmente ferido, o guardião transmitiu o seu poder e a sua missão a um rapazinho humano, e assim a linhagem continuou ao longo de séculos, até à chegada de Giles Dent.

Gage pensava nisto tudo enquanto conduzia. Aceitava Dent, aceitava que ele e os amigos descendiam dele através de Ann Hawkins. Acreditava, tal como os outros, que Dent encontrara uma maneira, contornando as regras para poder incluir um pequeno sacrifício humano, de aprisionar o demónio e a si mesmo. Até que, séculos depois, três rapazinhos o tinham libertado.

Até podia aceitar que o ato fora determinado pelo destino. Não tinha de gostar, mas era capaz de o aceitar. Era o seu Destino enfrentá-lo, destruí-lo ou morrer a tentar. Desta vez, o fantasma de Ann Hawkins fizera algumas aparições e os seus comentários crípticos indicavam que estes Sete eram o momento decisivo.

Tudo ou nada. Vida ou morte.

Visto que a maior parte das suas visões lhe mostravam a morte, de várias maneiras desagradáveis, Gage não apostava o seu dinheiro na dança de vitória do grupo.

Supôs que conduzira até ao cemitério porque tinha a morte na cabeça. Quando saiu do carro, enfiou as mãos nos bolsos. Era estúpido ir ali, pensou. Era inútil. Mas começou a caminhar por cima da relva, em torno das pedras e monumentos fúnebres.

Devia ter levado flores, pensou e abanou imediatamente a cabeça. As flores também eram inúteis. Para os mortos, de que serviam as flores?

A mãe dele e a criança que tentara trazer ao mundo estavam mortas há muito tempo.

Maior pintara de verde a relva e as árvores, um verde que se agitava com a brisa. O terreno desenrolava-se, lombas e regos suaves onde se erguiam as sombrias lápides cinzentas ou os fiéis monumentos brancos, cujas sombras eram projetadas pelo sol. A lápide da mãe e da irmã que morreram no seu ventre, era branca. Embora tivessem passado muitos anos desde a última vez que ali fora, sabia onde as encontrar.

A lápide era muito simples. Pequena, arredondada, apenas com os nomes e as datas esculpidos.

CATHERINE MARY TURNER
1954-1982
ROSE ELIZABETH TURNER
1982

Mal se lembrava dela, pensou. O templo, simplesmente, esbatera as imagens, os sons, a *sensação*, e não restava mais que um borrão sem cor. Tinha apenas uma memória muito vaga de quando lhe pousava a mão sobre a barriga inchada, para sentir os movimentos da bebé. Tinha uma fotografia, por isso sabia que era parecido com a mãe na cor do cabelo, no formato dos olhos e da boca. Nunca vira a bebé, e ninguém lhe dissera como era. Mas lembrava-se de ter sido feliz, de brincar com camiãozinhos sob um feixe de sol que entrava pela janela. E sim, lembrava-se até de correr para a porta quando o pai chegava do trabalho e de gritar de prazer quando as suas mãos o erguiam bem alto.

Houvera um tempo, um tempo breve, em que as mãos do pai o erguiam no ar em vez de o atirarem ao chão. O tempo banhado pelo sol, pensou. Depois ela morrera, a bebé também, e tudo ficara frio e escuro.

Alguma vez a mãe lhe gritara, o castigara, se impacientara com ele? Com certeza que sim. Mas não se lembrava de nada disso, ou não queria lembrar-se. Talvez a tivesse idealizado, mas que mal fazia? Quando um miúdo tinha uma mãe por tão pouco tempo, era um direito do homem pensar nela como perfeita.

— Não trouxe flores — murmurou. — Devia ter trazido.

— Mas vieste.

Gage deu meia-volta e ficou a olhar para uns olhos da mesma cor dos seus, da mesma forma dos seus. O coração apertou-se-lhe e a mãe sorriu-lhe.

Dois

A primeira coisa que pensou foi que ela era muito jovem. Observando-se mutuamente por cima da campá, apercebeu-se de que era mais jovem que ele. Possuía uma beleza calma e discreta, um género de simplicidade que a teria mantido bela até uma idade avançada. Porém, não chegara aos trinta anos.

E mesmo agora, homem adulto, sentiu a dor íntima daquela perda.

— Porque estás aqui? — perguntou-lhe, e ela voltou a sorrir.

— Não querias que estivesse?

— Nunca apareceste antes.

— Talvez nunca tenhas olhado. — Sacudiu para trás os cabelos pretos e respirou fundo. — Está um dia tão bonito, com todo este sol de maio. E aqui estás tu, com um ar tão perdido, tão zangado. Tão triste. Não acreditas que exista um lugar melhor, Gage? Que a morte é o princípio do que vem a seguir?

— Para mim, foi o fim do que era antes. — Era o que se chamava pôr as coisas preto no branco, pensou. — Quando tu morreste, morreu também o melhor.

— Pobrezinho. Odeias-me por te ter deixado?

— Não me deixaste. Morreste.

— Vai dar ao mesmo. — Havia mágoa nos seus olhos, ou talvez fosse piedade. — Não estive ali para ti, e fiz pior que deixar-te sozinho. Deixei-te com ele. Deixei-o plantar a morte dentro de mim. E tu ficaste sozinho e indefeso, com um homem que te batia e te amaldiçoava.

— Porque casaste com ele?

— As mulheres são fracas, já o deves ter percebido. Se eu não fosse fraca, tê-lo-ia deixado e ido contigo para outro sítio. — Ela virou-se ligeiramente, para olhar na direção da cidade. Desta vez, Gage detetou no seu olhar algo mais faiscante que a mágoa. — Devia ter-te protegido, a ti e também a mim própria. Teríamos tido uma vida juntos, longe daqui. Mas posso proteger-te agora.

Observou a forma como ela se movia, como o seu cabelo tombava, como a erva se agitava debaixo dos seus pés.

— Como é que os mortos protegem os vivos?

— Vemos mais. Sabemos mais. — Voltou-se de novo para ele, estendeu os braços. — Perguntaste porque estou aqui. Estou aqui para isso. Para te proteger, como não fiz durante a minha vida. Para te salvar. Para te dizer que vás, que te afastes daqui. Deixa este lugar. Aqui só há miséria e morte, dor e perda. Vai e vive. Fica e morrerás, apodrecerás nesta terra, como eu.

— Estavas a ir muito bem, até agora. — A sua raiva era fria e feroz, mas a voz permanecia descontraída. — Era capaz de ter acreditado, se continuasses a brincar às mães e aos filhos. Mas precipitaste-te.

— Só quero que estejas em segurança.

— Queres ver-me morto. Se não morto, pelo menos longe daqui. Não irei a lado nenhum, e tu não és a minha mãe. Podes tirar o vestido, cabrão.

— A mamã terá de te dar uma sova por causa disso. — Abanando uma mão, o demónio chicoteou o ar com tanta força que Gage caiu. Enquanto se punha de pé, viu-o transformar-se.

Os olhos ficaram vermelhos e derramaram lágrimas de sangue, enquanto uivava gargalhadas.

— Menino mau! Tenho de te castigar como o pior dos meninos maus. Tirar-te a pele, beber o teu sangue, roer-te os ossos.

— Está bem, está bem. — Com uma indiferença total, Gage introduziu os polegares nos bolsos da frente.

O rosto da mãe fundiu-se em algo horrível, inumano. O corpo arqueou, as costas ergueram-se, as mãos e os pés enrolaram-se em garras e depois em ferraduras. Em seguida, a massa em que o corpo se tornara contorceu-se e transformou-se num negro disforme que empestava o ar com o fedor da morte.

O vento soprou o fedor para o rosto de Gage, que firmou bem os pés no chão e não se moveu. Não tinha qualquer arma e, depois de um cálculo rápido, decidiu arriscar. Fechou o punho e bateu no negro fétido.

A queimadura que sentiu foi surpreendente. Libertou a mão e esmurrou novamente. A dor roubou-lhe a respiração, por isso inspirou mais fundo e bateu uma terceira vez. A coisa gritou. De fúria, pensou Gage.

Reconheceu a ira pura enquanto o via voar sobre a campa da sua mãe e esmagar-se contra o solo.

Agora estava por cima dele, sobre a lápide, com a forma de rapazinho que tantas vezes escolhia.

— Suplicarás pela morte — disse-lhe. — Muito depois de eu fazer os outros em pedaços, suplicarás. Servir-me-ás de refeição durante anos.

Gage limpou sangue da boca e sorriu, apesar de sentir uma onda de náusea.

— Queres apostar?

A coisa que parecia um rapaz enterrou as mãos no próprio peito e rasgou-o. Com gargalhadas enlouquecidas, desapareceu.

— É completamente doido. O filho da puta é completamente doido. — Sentou-se por um momento, tentando normalizar a respiração, examinando a mão. Estava em carne viva e com empolas a escorrerem pus, além de umas ínfimas punções que lhe pareciam causadas por presas. Podia sentir a dor pungente da cura. Segurando o braço, levantou-se mas perdeu o equilíbrio porque o chão revolteava sob os seus pés.

Teve de voltar a sentar-se, com as costas apoiadas à pedra tumular da mãe e da irmã, até o enjoo passar e o mundo se equilibrar. Sob o bonito Sol de maio, tendo por única companhia os mortos, respirou através da dor e concentrou a mente na cura. À medida que o ardor acalmava, o sistema estabilizava-se.

Levantando-se, lançou um último olhar à sepultura, depois virou costas e saiu do cemitério.

Parou na florista e comprou um vistoso arranjo de primavera que fez Amy, a empregada, especular sobre quem seria a felizarda. Ele deixou-a especular. Era demasiado difícil explicar — além de que não era da conta dela — o facto de ter flores e mãos na cabeça.

Esse era um dos problemas — e, na sua cabeça, estes eram uma legião — das cidades pequenas. Toda a gente queria saber tudo acerca de todos os outros, ou fingiam que sabiam. Quando não sabiam o suficiente, simplesmente inventavam e afirmavam-no como uma verdade divina.

Muita gente de Hollow sussurrava e murmurava acerca dele. Pobre menino, mau rapaz, arruaceiro, más notícias, ainda bem que nos livrámos dele. Talvez isso lhe tivesse doído algumas vezes, e talvez a dor tivesse sido profunda quando era mais novo. Mas tivera algo que, supunha, fora um bálsamo. Tivera Cal e Fox. Tivera família.

A mãe partira há muito, muito tempo. Isso, pensou enquanto conduzia para fora da cidade, só hoje lhe entrara na cabeça. Decidira-se, então, a realizar um gesto que já estava atrasado.

Claro que ela podia não estar em casa. Frannie Hawkins não trabalhava fora de casa — exatamente. O seu trabalho *era* a sua casa, e os vários comitês que presidia ou em que participava. Se houvesse uma comissão, uma sociedade ou organização em Hollow, era provável que a mãe de Cal estivesse metida nisso.

Parou atrás do carro limpo e bem arranjado que reconheceu como o dela, na rampa da bonita casa onde os Hawkins viviam desde que Gage se lembrava. E a mulher aprumada que geria a casa estava ajoelhada num quadrado de espuma cor-de-rosa vivo, plantando algo que talvez fossem petúnias, no extremo do seu impressionante jardim fronteiro.

O seu cabelo era de um loiro brilhante sob um chapéu de palha de aba larga, e tinha as mãos cobertas com robustas luvas castanhas. Calculou que ela considerasse as calças azul-marinho e a t-shirt rosa como roupas de trabalho. Frannie virou a cabeça ao ouvir o carro e o seu rosto bonito iluminou-se num sorriso quando viu Gage.

Sempre considerara uma pequena maravilha que ela sorrisse com sinceridade quando o via. Frannie tirou as luvas enquanto se levantava.

— Que boa surpresa! E olha para essas flores. São quase tão belas como tu.

— É como trazer água para o mar.

Ela acariciou-lhe a face e pegou nas flores.

— As flores nunca são de mais. Vamos lá para dentro, vou pô-las em água.

— Interrompi-a.

— A jardinagem é um trabalho que nunca acaba. Não consigo parar de mexericar nisto.

Sabia que dentro de casa era a mesma coisa. Frannie forrava, cosia, pintava, fazia pequenos arranjos habilidosos. Mas a casa era sempre calorosa e acolhedora, nunca rígida e formal.

Conduziu-o pelas traseiras, através da cozinha até à lavandaria onde, sendo Frannie Hawkins, dispunha de um lavatório com a finalidade de arranjar as flores que punha em jarras.

— Ponho-as numa jarra provisória e depois arranjo qualquer coisa fresca para bebermos.

— Não quero retê-la.

— Gage. — Ela abanou o braço enquanto enchia uma jarra de água. — Vai sentar-te no pátio. Está um tempo demasiado bonito para ficarmos dentro de casa. Eu já levo chá gelado.

Gage obedeceu, principalmente porque precisava de decidir o que lhe ia dizer e como. Percebeu que ela também tratara do jardim das traseiras e dos canteiros. Todas as cores, formas e texturas pareciam, de algum modo,

magicamente perfeitas e completamente naturais. Ele sabia, porque a vira, que desenhava todos os anos os planos para os canteiros e os vasos.

Ao contrário da mãe de Fox, Frannie Hawkins nunca permitia a mãos que não fossem as suas arrancar as ervas daninhas. Não confiava que os outros soubessem distingui-las das suas petúnias, ou lá o que eram. Mas, ao longo dos anos, ele acartara-lhe a sua dose de cobertura vegetal e de pedras. Achava que isso, de uma maneira limitada, tornava um pouco seus aqueles jardins de capa de revista.

Ela saiu de casa. Trazia chá gelado com raminhos de hortelã num jarro bojudo de vidro verde, copos altos a combinar e um prato de bolachas. Sentaram-se à sombra, olhando para a relva aparada e as flores.

— Lembro-me sempre deste pátio — disse-lhe. — A quinta do Fox era como o Mundo da Aventura e isto era...

Ela riu.

— O quê? A obsessão da mãe do Cal?

— Não. Algo entre uma terra de fadas e um santuário.

O sorriso dela tornou-se suave e caloroso.

— Que palavras tão bonitas.

De repente, percebeu que sabia o que queria dizer.

— A Frannie sempre me deixou entrar na vossa vida. Hoje estive a pensar nas coisas. A senhora e a mãe do Fox nunca me fecharam a porta. Nem uma só vez me mandaram embora.

— E por que diabo haveria de o fazer?

Gage fixou-lhe os belos olhos azuis.

— O meu pai era um bêbado e eu era um arruaceiro.

— Gage.

— Se o Cal e o Fox se metiam em sarilhos, era eu com certeza que os incentivava.

— Acho que ambos arranjaram muitos sarilhos por sua conta e arrasaram-te para eles.

— A senhora e o Jim garantiram que eu tivesse um teto para me abrigar, e deixaram claro que podia ser este, que podia ficar aqui sempre que precisasse. Mantiveram o meu pai a trabalhar no bólingue, mesmo quando deviam tê-lo mandado embora, e fizeram-no por mim. Contudo, nunca me fizeram sentir que se tratava de caridade. Vocês e os pais do Fox garantiram que eu tivesse roupa, sapatos e trabalho, para ter algum dinheiro meu. E nunca me fizeram sentir que fosse por terem pena do pobre miúdo Turner.

— Eu nunca pensei em ti, nem acredito que a Jo Barry alguma vez tivesse pensado, como «o pobre miúdo Turner». Eras e ainda és o filho da minha amiga. A tua mãe era minha amiga, Gage.

— Eu sei. Mesmo assim, podia ter desencorajado o Cal de andar comigo. Muitas pessoas tê-lo-iam feito. Fui eu que tive a ideia de irmos para os bosques naquela noite.

Frannie lançou-lhe um olhar completamente de *mãe*.

— E nenhum deles teve uma palavra a dizer?

— Claro, mas a ideia foi minha, e a senhora deve ter percebido isso há vinte anos. Mesmo assim, manteve-me a porta aberta.

— Nada daquilo foi culpa tua. Não sei muito sobre o que fazem agora vocês os seis, o que descobriram, o que planeiam fazer. O Cal esconde-me muita coisa. Acho que o deixo fazê-lo. Mas sei o suficiente para ter a certeza que o que aconteceu na Pedra Pagã quando vocês eram miúdos, não foi culpa tua. E sei que, sem vocês os três e tudo o que fizeram, tudo o que arriscaram, eu não estaria aqui sentada no meu pátio neste lindo dia de maio. Não haveria Hawkins Hollow sem ti, Gage. Sem ti, sem o Cal e o Fox, esta cidade estaria morta.

Ela pousou uma mão sobre a dele e apertou.

— Tenho tanto orgulho em ti.

Com ela, talvez especialmente com ela, não podia ser menos que totalmente honesto.

— Não é pela cidade que estou aqui.

— Eu sei. E, por qualquer razão estranha, isso faz-me ter ainda mais orgulho no facto de estares. És um homem bom, Gage. És — repetiu com algum calor quando viu a negação no seu rosto. — Nunca me convencerás do contrário. Tens sido o melhor dos amigos para o meu filho. Tens sido o melhor dos irmãos. A minha porta não está simplesmente aberta para ti. Esta é a tua casa, sempre que precisares.

Gage precisou de um momento para se acalmar.

— Amo-a. — Voltou a olhá-la nos olhos. — Acho que foi isso que vim cá dizer. Não consigo lembrar-me muito bem da minha mãe, mas lembro-me de si e da Jo Barry. Acho que isso fez a diferença.

— Oh, já chega. — Ela choramingou um pouco enquanto se levantava para o abraçar.

Para acabar o que começara, Gage foi ao viveiro que ficava mesmo à saída da cidade. Calculando que Joanne Barry apreciaria mais uma planta do que flores, encontrou uma orquídea em botão que lhe pareceu apropriada. Foi de carro até à quinta e, não encontrando ninguém em casa, deixou a orquídea no grande alpendre fronteiro à casa, com uma nota sob o vaso.

Os gestos e a conversa com Frannie tinham-no acalmado depois dos acontecimentos no cemitério. Pensou em ir para casa fazer alguma pesquisa pessoal, mas recordou-se que — para o melhor e para o pior — fazia parte de uma equipa. A sua primeira escolha foi o Fox, mas quando

passou pelo escritório, o caminhão já não estava lá. Calculou que estivesse no tribunal, ou numa reunião com um cliente fora do escritório. Com Cal no clube de bólingue e o velho a trabalhar ali, esse caminho não era uma opção.

Deu meia-volta e tomou o caminho da casa alugada. Parecia condenado a ter um dia de mulheres.

Tanto o carro de Cybil como o de Quinn estavam estacionados à porta. Como fizera nessa manhã, entrou em casa sem bater. Pensando em café, encaminhava-se para a cozinha quando Cybil apareceu ao cimo das escadas.

— Duas vezes no mesmo dia — comentou. — Não me digas que estás a tornar-te sociável.

— Quero café. Tu e a Quinn estão no escritório?

— Sim, um par de abelhinhas atarefadas com a pesquisa sobre demónios.

— Já subo.

Teve consciência do arco sensual descrito pelas suas sobranceiras antes de continuar para a cozinha. Armado com uma caneca de café, subiu as escadas. Quinn estava sentada ao computador, teclando com rapidez. Continuou a teclar mesmo quando olhou para cima e lhe ofereceu o seu sorriso aberto e vivo.

— Olá! Senta-te. — Em vez disso, ele dirigiu-se ao mapa da cidade que elas tinham pendurado na parede e examinou todos os alfinetes coloridos fixados nos lugares onde houvera incidentes com atividade paranormal.

Notou que o cemitério não era o favorito, mas registava alguma atividade. Passou aos gráficos e mapas que Layla criara. Também ali, notou, o cemitério não era um dos principais locais de assombração, à falta de melhor termo. Talvez fosse demasiado vulgar para satisfazer os padrões do Grande Velhaco.

Cybil estava sentada atrás dele, examinando o ecrã do portátil.

— Encontrei uma fonte que afirma que a pedra-de-sangue fazia originalmente parte do Grande Alfa, ou Pedra da Vida. É interessante.

— Diz aí como usá-la para matar o cabrão?

Cybil levantou brevemente os olhos e falou para as costas de Gage.

— Não, mas fala de guerras entre o negro e a luz, Alfa e Ómega, deuses e demónios, dependendo de que versão da mitologia se encontre. E, durante essas guerras, a grande pedra explodiu em muitos fragmentos, infundidos com o sangue e o poder dos deuses. E estes fragmentos foram dados aos guardiães.

— Olha! — Quinn parou de escrever e rodou a cadeira para olhar para Cybil. — Está quase a bater certo. Se assim foi, a pedra-de-sangue foi

transmitida ao Dent por ser guardião. E este, por sua vez, passou-a aos nossos rapazes em três fragmentos iguais.

— Tenho outras fontes que citam a utilização da pedra-de-sangue em rituais mágicos, a sua capacidade para estimular a força física e a cura.

— Mais um *bingo* — comentou Quinn.

— Também tem a reputação de regular o ciclo menstrual da mulher. Gage virou-se para ela.

— Queres fazer o favor?

— Com certeza — respondeu Cybil. — Mas, mais de acordo com os nossos fins, a pedra-de-sangue é, segundo todos os relatos, uma pedra de cura.

— Já sabíamos disso. Eu, o Cal e o Fox fizemos o trabalho de casa acerca da pedra há alguns anos.

— Tudo se resume a sangue — continuou Cybil. — Também sabemos disso. Sacrifício de sangue, laços de sangue, pedra-de-sangue. E também fogo. O fogo desempenhou o seu papel em muitos dos incidentes, e foi um fator fundamental na noite em que Dent e Twisse se defrontaram e na noite em que vocês acamparam pela primeira vez na Pedra Pagã. Certamente, também na noite em que voltámos a fundir a pedra. Então, pensem nisto: o que é que se obtém quando se esfregam pedras? Uma faísca, que conduz ao fogo. A criação do fogo foi, indiscutivelmente, o primeiro ato mágico do homem. Pedra-de-sangue: fogo e sangue. O fogo não só arde, como purifica. Talvez seja o fogo a matá-lo.

— Queres pôr-te a esfregar pedras e esperar que uma faísca mágica aterre em cima do Twisse?

— Estás muito bem-disposto, não estás?

— Se o fogo o matasse, já estaria morto. Já o vi cavalgar chamas como se fossem o raio de uma prancha de surf.

— Mas esse é o fogo dele, não é o nosso — notou Cybil. — O fogo criado pela Pedra Alfa, pelo fragmento dessa pedra que vos foi transmitida pelos deuses, através de Dent. Fundi-la, naquela noite, produziu uma bela fornalha.

— Como propões que atemos um fogo mágico com uma única pedra?

— Estou a trabalhar nisso. E tu? — contrapôs Cybil. — Tens alguma ideia melhor?

Não era para isso que estava ali, recordou-se Gage. Não fora ali para debater pedras mágicas ou a forma de conjurar o fogo dos deuses. Nem sequer sabia por que razão a provocava. Ela conseguira percorrer todo o caminho até voltar a fundir as três partes da pedra.

— Hoje tive uma visita do nosso demónio residente.

— Porque não disseste logo? — Muito profissional, Quinn pegou no gravador. — Onde, quando, como?

— No cemitério, esta manhã, pouco depois de sair daqui.

— A que horas foi isso? — Quinn olhou para Cybil. — Por volta das dez, não foi? Entre as dez e as dez e meia? — perguntou a Gage.

— Por volta disso. Não vi as horas.

— Que forma assumiu?

— A da minha mãe.

Quinn perdeu imediatamente o tom profissional e tornou-se empática.

— Oh, Gage. Lamento.

— Já tinha feito isso alguma vez? — perguntou Cybil. — Aparecer sob a forma de alguém que conheciam?

— É um truque novo. Foi por isso que consegui enganar-me por um minuto. Seja como for, mostrava a aparência que recordo dela. A verdade é que não me lembro assim tão bem da minha mãe, mas parecia-se com as fotografias.

A fotografia, recordou, que o pai mantinha na mesinha ao lado da cama.

— Ela... aquilo... era jovem — continuou. — Mais jovem que eu, com um daqueles vestidos de verão.

Ele sentou-se, bebendo o café a arrefecer enquanto relatava o evento e a conversa, quase palavra por palavra.

— Deste-lhe um murro? — perguntou Quinn surpreendida.

— Na altura, pareceu-me que era boa ideia.

Sem dizer nada, Cybil levantou-se, aproximou-se e pediu-lhe a mão. Examinou-a, as costas, a palma, os dedos.

— Estás curado. Eu estava na dúvida. Não sabia se conseguirias curar-te se ele te ferisse diretamente.

— Não disse que ele me tinha ferido.

— Claro que disseste. Espetaste o teu punho na barriga da besta, literalmente. Que género de feridas causou?

— Queimaduras, punções. O cabrão mordeu-me. Luta como uma rapariga.

Ela inclinou a cabeça, apreciando o seu sorriso.

— Eu sou uma rapariga, e não mordo... numa luta. Quanto tempo levou a sarar?

— Um pouco. Talvez uma hora, no total.

— Muito mais tempo do que se a queimadura fosse de uma fonte natural. Alguns efeitos secundários?

— Ia dizer que não, mas recordou-se que todos os pormenores eram importantes.

— Um pouco de náusea, umas tonturas. Mas doeu como o raio, caso te interesse saber.

Ela inclinou a cabeça e lançou-lhe um olhar especulativo.

— Que fizeste depois? Já passaram umas horas.

— Precisava de fazer umas coisas. Agora tenho de picar o ponto?

— É só curiosidade. Vamos escrever isso, introduzir os dados. Vou fazer chá. Queres, Quinn?

— Apetecia-me uma cerveja preta... — Quinn ergueu a garrafa de água. — Mas fico-me por isto.

Quando Cybil saiu da sala, Gage tamborilou nas coxas com os dedos por um momento, depois pôs-se de pé.

— Vou encher outra vez a minha caneca.

— Vai. — Quinn lançou-lhe o seu próprio olhar especulativo enquanto ele saía. As pedras não eram as únicas a lançar faíscas quando eram esfregadas.

Cybil pôs a chaleira ao lume, tirou o bule e pesou o chá. Quando Gage entrou, tirou uma maçã da fruteira, cortou-a cuidadosamente em quartos e ofereceu-lhe um.

— Então, aqui estamos de novo. — Depois de arranjar um prato, ela cortou uma segunda maçã e acrescentou alguns bagos de uva. — Quando a Quinn começa a falar em cerveja preta, é porque precisa de um petisco. Se procuras algo mais substancial, há coisas para fazer sandes e salada de massa fria.

— Estou bem. — Viu-a acrescentar umas bolachas de água e sal e cubos de queijo ao prato. — Não é preciso ficares chateada.

Ela franziu o sobrolho.

— Porque haveria de estar chateada?

— Exatamente.

Tirando um dos quartos de maçã, ela encostou-se à bancada.

— Estás a interpretar-me mal. Vim cá abaixo porque queria chá, não por estar chateada contigo. Não era aborrecimento que eu sentia. Provavelmente, não gostarias do que estava a sentir, do que sinto.

— E o que é?

— Pena por ele ter usado a tua dor pessoal contra ti.

— Não tenho nenhuma dor pessoal.

— Oh, cala-te. — Deu mais uma dentada na maçã, uma dentada zangada, desta vez. — Isto é irritante. Tu estavas no cemitério. Como duvido muito que vás lá para passear na natureza, tenho de concluir que foste visitar a campa da tua mãe. E o Twisse profanou, ou tentou fazê-lo, a tua memória dela. Não me digas que não sentes dor pela perda da tua mãe. Também perdi o meu pai, há alguns anos. Ele escolheu deixar-me, escolheu

meter uma bala na cabeça, e ainda sinto dor. Tu não querias falar disso, por isso dei-te privacidade. Depois seguiste-me até aqui e disseste que eu estava chateada.

— O que foi um completo erro — disse ele secamente, — visto que não estás nem um bocadinho chateada.

— Não estava — murmurou ela. Suspirou, voltou a morder a maçã quando a chaleira começou a apitar. — Disseste que parecia muito jovem. Com que idade?

— Vinte e poucos, acho eu. A maior parte das impressões físicas que tenho dela vêm de fotografias. Eu... Merda. Merda. — Tirou a carteira do bolso e encontrou uma fotografia pequena por baixo da carta de condução. — Era esta a aparência dela, até o raio do vestido!

Depois de apagar o lume, Cybil aproximou-se e, lado a lado, examinaram a fotografia. A mulher tinha o cabelo negro e solto, o corpo esguio sob o vestido de verão amarelo. O menino teria um ano, talvez um ano e meio, calculou Cybil, e encostava-se à sua anca enquanto ambos riam para a fotografia.

— Era linda. Pareces-te com ela.

— Ele tirou isto da minha cabeça. Nisso, tens razão. Não olhava para esta fotografia há... não sei, há alguns anos, talvez. Mas é a minha memória mais clara dela, porque...

— Porque é a que transportas contigo. — Cybil pousou-lhe uma mão no braço. — Fica chateado, se é assim que queres lidar com isto, mas continuo a ter muita pena.

— Eu sabia que não era ela. Só levei um minuto a percebê-lo.

E, nesse minuto, pensou Cybil, sentira uma infinita dor e uma infinita alegria. Virou-se para deitar a água no bule.

— Espero que lhe tenhas atingido uns quantos órgãos vitais, se é que os tem, quando o esmurraste.

— É o que me agrada em ti, esse gostinho saudável pela violência. — Voltou a guardar a fotografia da mãe na carteira.

— Sou fã do físico, em várias áreas. É interessante, não é, que sob esse disfarce, a sua primeira tentativa foi convencer-te a partir. Não te atacou nem provocou, como já fez, mas usou uma forma de confiança para te mandar partir, procurar a segurança. Acho que ele está preocupado.

— Sim, parecia mesmo preocupado quando me fez cair de cu.

— Voltaste a levantar-te, não foi? — Ela colocou o prato, o bule e uma chávena num tabuleiro. — O Cal deve chegar daqui a uma hora, e o Fox e a Layla pouco depois. A menos que tenhas uma oferta melhor, porque não ficas para jantar?

— Vais cozinhar?

— Parece que é a minha função nesta vida estranha que levamos agora.

— Aceito a oferta.

— Muito bem. Leva-me isto para cima e, entretanto, pomos-te a trabalhar.

— Eu não faço gráficos.

Ao ultrapassá-lo, ela lançou-lhe aquele olhar petulante por cima do ombro.

— Hoje farás, se quiseres comer.

Mais tarde, Gage sentou-se nos degraus da frente, desfrutando de uma cerveja ao fim da tarde, com Fox e Cal. Fox tirara o fato de advogado e vestira jeans e uma camisa de manga curta. Parecia, como era hábito, confortável na sua própria pele.

Em quantas ocasiões tinham feito apenas aquilo?, perguntou-se Gage. Sentados, a partilhar uma cerveja. Era impossível contá-las. E, muitas vezes, noutra parte do mundo, bebia uma cerveja e pensava neles, ali em Hollow.

E havia ocasiões em que voltava, entre os Sete, porque sentia falta dos amigos como sentiria das próprias pernas. Então, podiam ficar assim sentados, ao longo pôr-do-sol, sem o peso do mundo — ou pelo menos daquele canto do mundo — sobre os seus ombros.

Mas o peso estava ali agora, pois faltavam menos de dois meses para o momento que acreditavam ser de vida ou de morte.

— Podíamos voltar ao cemitério, nós os três — sugeriu Fox. — Para ver se ele quer mais um combate.

— Não me parece, já se divertiu bastante.

— Da próxima vez que te puseres a passear por aí, não vás desarmado. Não estou a falar daquela maldita arma — acrescentou Cal. — Podes arranjar um canivete decente e legal no Mullendore. Não vale a pena deixá-lo arrancar-te um bocado da mão.

Distraidamente, Gage dobrou a mão em questão.

— Soube-me bem dar um murro no Grande Velhaco, mas tens razão, nem um canivete levava. Não voltarei a cometer esse erro.

— Ele pode, simplesmente, voltar com a figura dos mortos... desculpa — acrescentou Fox pousando uma mão no ombro de Gage.

— Não faz mal. A Quinn já levantou esse assunto. Conseguir assumir a forma dos vivos é uma grande capacidade. A dos mortos poderia ser mais difícil, mas a Cybil acha que não. Ela tem uma teoria intelectual retorcida que deixei de escutar logo que iniciou o debate com a Quinn. Mas estou inclinado para a ideia geral da Cybil. A figura tinha substância, mas a ima-

gem, a forma, era como uma carapaça, e esta carapaça era... emprestada. Foi a conclusão do longo e empenhado discurso da Cybil sobre mudanças corporais e de forma. Não pode tomar de empréstimo as carapaças dos vivos porque eles ainda estão a usá-las, por assim dizer.

— Seja o que for — disse Fox após um momento. — Se quiser repetir essa brincadeira, estaremos preparados.

Talvez, pensou Gage. Mas as probabilidades eram remotas. E tornavam-se mais remotas a cada dia que passava.

TRÊS

Com calças de algodão largas e uma camisola que considerava apropriada apenas para dormir, Cybil seguiu até à cozinha aquele cheiro a café que dava sentido à vida. Era maravilhoso saber que alguém lá em casa acordara antes dela e começara a fazer café. A tarefa, demasiadas vezes, recaía sobre os seus ombros, porque era sempre a primeira a levantar-se.

Claro que nenhuma das outras dormia sozinha, pensou, por isso, além de café, tinham sexo. Não lhe parecia justo, mas era assim. Isso, porém, oferecia-lhe a vantagem de a livrar de conversas pré-caféina e permitia-lhe um interlúdio tranquilo com o jornal da manhã até que os pombinhos se levantassem.

A meio caminho entre as escadas e a cozinha, deteve-se e cheirou o ar. Cheirava a algo mais que café. Cheirava a bacon, o que fazia daquele dia um feriado: alguém, sem ser ela, estava a cozinhar.

Da ombreira da porta, viu Layla atarefada junto do fogão, cantarelhando enquanto fritava e virava as fatias de bacon, com os cabelos negros puxados para trás e recolhidos numa banana na nuca. Parecia tão feliz, pensou Cybil, e perguntou-se por que razão sentia por Layla aquela afeição de irmã mais velha.

Afinal, eram da mesma idade e, embora Layla não fosse tão viajada como ela, vivera vários anos em Nova Iorque e, mesmo de bermudas e t-shirt, revelava o seu verniz urbano. Com Quinn, houvera uma conexão instantânea, um clique no momento em que se tinham conhecido na universidade. E agora, havia a Layla.

Nunca tivera aquela afinidade, aquele clique com a irmã, pensou Cybil. Ela e Rissa nunca se tinham entendido muito bem e a irmã mais nova costumava entrar em contacto sobretudo quando precisava de alguma coisa ou se metia em mais algum sarilho.

Cybil concluiu que devia dar-se por feliz. Existia Quinn, que fora como uma peça de si própria que lhe faltasse, e agora Layla ia entrando com suavidade na sua vida, e as três tornavam-se uma unidade.

Layla pôs o bacon a escorrer, virou-se para pegar nos ovos e deu um salto quando viu Cybil.

— Caramba! — Com uma gargalhada, apertou o coração. — Assustaste-me.

— Desculpa. Levantaste-te cedo.

— E com desejos de bacon com ovos. — Antes de Cybil poder fazê-lo, Layla pegou numa chávena e serviu-lhe café. — Fiz muito bacon. Calculei que descesses antes de eu terminar e o Fox está sempre pronto para uma refeição.

— *Hum* — comentou Cybil, e juntou leite ao café.

— Seja como for, espero que tenhas fome, porque devo ter fritado metade de um porco. E os ovos são frescos, da quinta dos O'Dell. Tenho o jornal. — Layla apontou para a mesa. — Porque não te sentas a tomar café enquanto eu acabo isto?

Cybil deu aquele primeiro gole clarificador da mente.

— Não posso deixar de perguntar: qual é a intenção?

— Sou completamente transparente. — Com um estremeção, Layla partiu o primeiro ovo para a tigela. — Preciso de um favorzinho, e estaria a subornar a Quinn com o pequeno-almoço se ela estivesse aqui e não em casa do Cal. Tenho a manhã livre e uma série de amostras de tinta. Esperava convencer-vos a irem comigo à loja esta manhã, ajudar-me a decidir o esquema das cores.

Cybil puxou o cabelo para trás e bebeu mais café.

— Tenho uma pergunta. Como te passou pela cabeça que qualquer uma de nós te deixaria decidir o esquema de cores para a tua própria boutique sem nos intrrometermos com as nossas opiniões?

— A sério?

— Ninguém escapa à minha opinião, mas aproveito na mesma os ovos com bacon.

— Ainda bem. É que parece uma loucura preocupar-me com esquemas cromáticos quando temos questões de vida ou de morte com que nos preocupar.

— Os esquemas cromáticos são questões de vida ou de morte.

Layla riu, mas abanou a cabeça.

— Temos um demónio que nos quer ver mortos, que estará na posse máxima dos seus poderes dentro de seis semanas, e eu tenho a ideia peregrina de abrir o meu negócio na cidade que ele quer transformar no seu parque de diversões. Entretanto, o Fox tem de entrevistar e preparar, ou *eu* tenho de preparar, a minha substituta no escritório, ao mesmo tempo que tentamos perceber como manter-nos vivos e destruir esse demónio antigo. E vou pedir o Fox em casamento.

— Não podemos deixar de viver só porque... Caramba! — Cybil ergueu uma mão e esperou que o seu enevoado cérebro matinal clareasse. — Nas minhas aulas de jornalismo, era a isso que chamávamos ocultar o facto principal. Muito oportuno.

— É uma loucura?

— Claro, nunca se deve ocultar o facto principal. — Só porque estava ali, Cybil pegou numa fatia de bacon. — E sim, claro, o casamento é uma loucura, por isso é humano.

— Não me refiro ao casamento, mas ao facto de lho pedir. Não tem nada a ver comigo.

— Espero que não. Detestaria que andasses por aí sem critério a pedir homens em casamento.

— Sempre pensei que, quando tudo estivesse no seu lugar, quando fosse oportuno, esperaria que o meu amor montasse o cenário, comprasse o anel e fizesse o pedido. — Suspirando, Layla continuou a partir ovos para dentro da tigela. — Isso é que tem a ver comigo, ou tinha. Mas não me importo que não esteja tudo no seu lugar, e como raio pode alguém saber, especialmente nós, se o momento é oportuno? E não quero esperar.

— Vai buscá-lo, irmã.

— Tu fá-lo-ias... quero dizer, nestas circunstâncias?

— Podes crer que fazia.

— Eu sinto... Aí vem ele. — Layla suspirou. — Não digas nada.

— Caramba, planeava contar-lhe tudo e depois largar uns punhados de papelinhos em cima de ambos.

— B'dia. — Fox lançou a Cybil um sorriso sonolento, depois um perplexo a Layla. — Estás a cozinhar.

— O meu patrão deu-me a manhã, por isso tenho tempo livre.

— O teu patrão devia dar-te sempre o que tu precisasses. — Procurou no frigorífico a sua *Coca-Cola* habitual. Abrindo-a, olhou de uma mulher para a outra.

— Que se passa?

— Nada. — Pensando na sua capacidade de ler pensamentos e sentimentos, Layla apontou-lhe a batedeira. — E nada de espreitar. Estávamos a falar sobre a boutique. Amostras de tinta e essas coisas. Quantos ovos queres?

— Dois. Três.

Layla dirigiu a Cybil um sorriso satisfeito quando Fox se inclinou para a beijar e roubar uma fatia de bacon do prato atrás dela.

O edifício que albergaria a boutique de Layla tinha um aspeto arejado, boa luz, boa localização. Fatores importantes, na opinião de Cybil. Layla tinha anos de experiência na venda de roupa, assim como um olho excelente para o estilo — outras vantagens muito importantes. Além disso, a capacidade que partilhava com Fox de sentir os pensamentos, e a percepção do que o cliente realmente queria, seria uma vantagem enorme.

Percorreu o espaço. Gostava dos velhos soalhos de madeira, dos seus tons quentes e do rodapé amplo.

— Charmoso ou moderno? — perguntou Cybil.

— Charmoso, com uns toques de modernidade. — Junto da janela da frente, ao lado de Quinn, Layla ergueu uma das amostras de tinta à luz natural. — Quero respeitar o espaço e animá-lo com pequenos toques. Feminino, confortável, mas não demasiado acolhedor. Acessível, mas não totalmente previsível.

— Nada de rosas ou malvas.

— Não — concordou Layla decididamente.

— Um par de boas cadeiras para as clientes — sugeriu Quinn. — Para se sentarem a experimentar sapatos ou esperarem por uma amiga na área dos provadores, mas nada de tecidos florais, nem de chitas.

— Se isto fosse uma galeria, as obras de arte seriam as peças de roupa.

— Exatamente. — Layla lançou um sorriso radioso a Cybil. — É por isso que estou a pensar em tons neutros para as paredes. Neutros quentes, por causa da madeira. E estou a pensar que, em vez de um balcão — abanou a mão à altura da cintura, — posso arranjar uma secretária antiga ou uma mesa bonita para a zona de pagamento. E aqui... — Passou as amostras para a mão de Quinn e atravessou o chão nu. — Terei prateleiras como que dispostas ao acaso, para expor sapatos e malas mais pequenas. E aqui...

Cybil seguiu Layla de secção em secção, ouvindo os seus planos para a decoração. A imagem formava-se claramente — estantes abertas, prateleiras, expositores de vidro para peças pequenas.

— Preciso que o pai do Fox construa um par de provadores aqui atrás.

— Três — disse Cybil. — É mais prático, mais interessante para a vista e um número mágico.

— Três, então, com uma luz que nos valorize e aquele instrumento de tortura que é o espelho triplo.

— Odeio esses cabrões — murmurou Quinn.

— Todas odiamos, mas são um mal necessário. E vejam aqui a pequena cozinha. — Com um gesto, Layla chamou as amigas para a acompanharem. — Mantiveram-na, ao longo das suas várias encarnações de lojas diferentes. Acho que podia fazer todos os meses umas composições extravagantes. Como... velas e vinho sobre a mesa, umas flores, um negligé ou um vestido de noite atirados para as costas de uma cadeira. Ou uma caixa de cereais na bancada, alguns pratos de pequeno-almoço no lava-loiça, ou uma pasta em cima da mesa, com um par de sapatos elegantes por baixo. Percebem o que quero dizer?

— Divertido. Inteligente. Sim, percebo o que queres dizer. Deixa-me ver essas amostras. — Cybil tirou-as das mãos de Quinn, depois voltou para junto da janela.

— Tinha mais, mas reduzi-as a essas — explicou Layla.

— E já tens uma favorita. — concluiu Quinn.

— Tenho, mas quero opiniões. Opiniões sérias, porque estou tão assustada quanto excitada em relação a isto, e não quero estragar tudo...

— Esta. Borbulhas de champanhe. Um dourado muito pálido, só mesmo uma impressão de cor. Subtil, neutro, mas com aquele toque, o fator divertido. Qualquer cor que uses com esta ficará realçada.

De lábios cerrados, Quinn examinou a amostra por cima do ombro de Cybil.

— Ela tem razão. É fantástico. Feminino, sofisticado, quente.

— Foi essa que escolhi. — Layla fechou os olhos. — Juro, foi essa que escolhi.

— O que prova que temos as três um gosto excelente — concluiu Cybil. — Vais pedir o empréstimo esta semana?

— Vou. — Layla soltou um suspiro que lhe fez esvoaçar a franja. — O Fox diz que são favas contadas. Tenho referências dele, do Jim Hawkins, da minha antiga patroa na boutique em Nova Iorque. As minhas finanças são... bem, modestas, mas estão em ordem. E a cidade quer e precisa de lojas. Manter os rendimentos cá dentro, em vez de os mandar para o centro comercial e essas coisas.

— É um bom investimento. Tens aqui uma localização de primeira. A Main Street fica só a uns passos da praça. Foste criada no negócio, já que os teus pais tinham uma loja de roupa. Experiência de trabalho, um sentido astucioso do estilo. Um excelente investimento. Gostaria de ter uma parte.

Layla piscou os olhos para Cybil.

— Desculpa?

— As minhas finanças estão saudáveis, não ao nível de um emprés-

timo bancário, mas suficientemente saudáveis para investir numa pequena empresa. Quais são os custos iniciais projetados?

— Bem... — Layla disse um número e Cybil acenou com a cabeça e afastou-se. — Posso financiar um terço disso. Quinn?

— Sim. Também posso suportar um terço.

— Estão a brincar? — foi tudo o que Layla conseguiu dizer. — Estão a brincar?

— O que te deixa apenas um terço para suportar com as tuas finanças modestas ou o empréstimo bancário. Eu iria pelo empréstimo, não só para ter espaço de manobra, como por razões fiscais. — Cybil puxou o cabelo para trás. — A não ser que não queiras investidores.

— Quero investidores, se forem vocês. Oh, caramba, isto é... Esperem. É melhor pensarem um pouco mais. A sério. Precisam de algum tempo, de pensar melhor. Não quero que vocês...

— Já pensámos acerca disto.

— E também conversámos — acrescentou Quinn. — Desde que tu decidiste avançar. Santo Deus, Layla. Pensa no que já investimos uns nos outros e nesta cidade. Isto é só dinheiro, e, como o Gage provavelmente diria, queremos fazer a nossa aposta.

— Farei com que isto resulte. Garanto-vos. — Layla limpou uma lágrima. — Farei com que isto resulte. Sei o que significamos umas para as outras, mas se o fizerem, quero que seja tudo legal. O Fox... ele tratará dessa parte. Sei que posso fazer isto resultar. Agora, especialmente, sei que posso.

Abraçou Quinn, depois abriu os braços para envolver Cybil no abraço. — Obrigada, obrigada, obrigada.

— Não é preciso agradeceres. Lembra-te do que o Gage poderia dizer — recordou-a Cybil.

— O quê?

— Podemos estar todos mortos antes de agosto. — Com uma gargalhada, Cybil deu a Layla uma palmadinha no rabo, depois recuou. — Já pensaste em nomes para a loja?

— Estás outra vez a brincar? Claro que sim, tenho uma lista. Na verdade, tenho três listas, e um dossiê. Mas vou deitar tudo fora porque acabei de me lembrar do nome perfeito. — Layla ergueu as mãos, com as palmas para fora. — Bem-vindas às Irmãs.

Separaram-se, Layla para o escritório, Quinn para almoçar com a mãe de Cal e discutir os planos para o casamento, Cybil para casa. Queria continuar a estudar a perspectiva da pedra-de-sangue como uma arma e aprofundar a ideia de esta ser um fragmento de uma fonte de poder mais vasta.

Apreciava a tranquilidade e a solidão. Era bom para pensar, para reorganizar pensamentos, movê-los de um lado para o outro como peças de um puzzle, até encontrar o lugar de cada um. Como lhe apetecia uma mudança de cenário, levou para a cozinha o portátil e o dossiê de notas que imprimira especificamente sobre a pedra-de-sangue. Com a porta das traseiras e as janelas abertas ao ar primaveril, fez chá gelado e uma pequena tigela de salada. Enquanto almoçava, reviu as suas notas.

Sete de julho de 1652. Giles Dent (o Guardiã) usou o amuleto de pedra-de-sangue na noite em que Lazarus Twisse (o Demônio) conduziu a multidão que infetara para a Pedra Pagã, no bosque de Hawkins, onde Giles tinha uma pequena cabana. Antes dessa noite, Dent falara da pedra e mostrara-a a Ann Hawkins, sua amante e mãe dos seus trigêmeos (que nasceriam a 7 de julho de 1652). Ann escrevera sobre isso, de maneira breve e crítica, nos diários que mantivera depois de Dent a mandar embora (para aquilo que viria a ser a quinta dos O'Dell), para que os filhos nascessem em segurança.

Quando se volta a ter conhecimento dela, a pedra-de-sangue fora dividida em três partes iguais, e encontrava-se nos punhos fechados de Cal Hawkins, Fox O'Dell e Gage Turner, que acabavam de realizar o seu ritual de irmãos de sangue junto da Pedra Pagã, à meia-noite do dia em que faziam dez anos (7/7/1987). O ritual, um ritual de sangue, libertou o demônio por um período de sete dias, que se repetia de sete em sete anos, e durante esse tempo o demônio infetava determinadas pessoas em Hawkins Hollow, levando os infetados a realizar atos violentos, incluindo assassinatos.

Contudo, quando o demônio se libertou, os três rapazes ganharam poderes específicos de autocura e dons psíquicos. *Armas.*

Cybil abanou a cabeça ao ler a palavra que sublinhara.

— Sim, são armas. São instrumentos que os mantiveram vivos, os fizeram continuar a lutar. E estas armas derivam da pedra, ou estão ligadas a ela.

Reviu as suas notas sobre o diário de Ann Hawkins, aquela entrada que falava em transformar três em um, e as suas conversas, tal como tinham decorrido, com Cal e Layla. Um em três, três em um, cogitou Cybil, e deu por si um pouco irritada por Ann não a ter escolhido para se mostrar.

Achou que gostaria de entrevistar um fantasma.

Começou a escrever os seus pensamentos no computador, usando o método de corrente de consciência que era o que melhor lhe servia, e podia ser refinado mais tarde. De vez em quando, parava para escrever à mão uma nota para si mesma, sobre alguma coisa que queria aprofundar mais tarde, ou uma área de referência que precisava de ser analisada mais detalhadamente.

Quando ouviu abrir a porta da frente, continuou a trabalhar, pensando distraidamente que Quinn voltara mais cedo. Mesmo quando a porta bateu, como se fosse um tiro, momentos depois, não parou de trabalhar. A amiga estava nervosa por causa do casamento, pensou.

Mas quando a porta atrás dela se fechou também com estrondo e foi trancada, conseguiu a sua atenção. Guardou o trabalho — era uma segunda natureza, guardar o trabalho no computador, e a sua mente quase não registou o gesto automático. Por cima do lava-loiça, a janela fechou-se lentamente, e esse movimento lento era, de certa forma, mais ameaçador que o bater da porta.

Ela podia magoá-lo, recordou-se, e levantou-se para ir buscar uma faca ao suporte em cima da bancada. Já o tinham magoado antes. Ele sentia dor. Tirando a faca de *chef* do suporte, prometeu a si mesma que, se o demónio estivesse dentro de casa com ela, haveria de lhe causar alguma dor. Mesmo assim, os seus instintos diziam-lhe que se sairia melhor lá fora e não fechada em casa. Estendeu a mão para a tranca da porta.

O choque subiu-lhe pelo braço e fê-la soltar um grito sem fôlego e cambalear para trás. Com uma explosão súbita e trovejante, a torneira da cozinha jorrou sangue. Correu para o telefone — a ajuda, se fosse necessária, encontrava-se apenas a dois minutos. Porém, quando estendeu a mão para o telefone, foi sacudida por um segundo choque, mais violento que o anterior.

Táticas para assustar, disse a si mesma, encaminhando-se para a saída da cozinha. Fechar a mulher sozinha em casa. Fazer muito barulho, acrescentou, quando o som fez tremer as paredes, o chão, o teto.

Viu o rapaz do outro lado da janela, sorrindo, com o rosto encostado ao vidro.

Eu não posso sair, mas ele também não pode entrar, pensou. *Não é interessante?* Enquanto o observava, o rapaz arrastou-se pelo vidro, de um lado para o outro, de cima para baixo, como um inseto nojento. E o vidro sangrou até ficar coberto de vermelho e de moscas pretas que, zumbindo, vieram beber o sangue.

A luz extinguiu-se até a cozinha e toda a casa ficarem escuras como breu. Era como estar cega, pensou, com o coração a bater desordenadamente. Era o que ele queria que ela sentisse. Queria arrastar-se dentro dela até àquele medo antigo e enraizado. Através dos estrondos e dos zumbidos, Cybil apoiou uma mão na parede para se orientar. Sentiu o líquido quente escorrer-lhe pela mão e soube que as paredes sangravam.

Conseguiria sair, disse a si mesma. Sairia para a luz, lidaria com o choque e *sairia* dali. A parede acabou e começou o corrimão das escadas. Ela estremeceu de alívio. Estava quase.

Algo voou do escuro e atirou-a ao chão. A faca, imprestável, matraqueou pelo chão. Então ela pôs-se de gatas. Quando a porta se abriu, a luz quase a cegou. Levantou-se e correu.

Esbarrou em Gage. Mais tarde, ele pensou que ela o teria atravessado, se pudesse. Segurou-a, esperando ser arranhado e pontapeado, numa reação típica de mulher histérica. Em vez disso, Cybil olhou-o com uma expressão feroz e fria.

— Consegues vê-lo? — perguntou.

— Sim. Mas a tua vizinha, que está ali a varrer a entrada, não vê. Está a acenar.

Cybil segurou-se ao braço de Gage com uma mão, virou-se e acenou à vizinha com a outra. Na janela da frente, o rapaz arrastava-se como uma aranha.

— Continua. — Cybil falou lentamente. — Gasta toda a energia que te apetecer com a matiné de hoje. — Deliberadamente, soltou Gage e sentou-se nos degraus diante da casa. — Então — disse para Gage, — vieste dar um passeio?

Ele olhou-a por um momento, depois abanou a cabeça e sentou-se ao seu lado. O rapaz saltou da janela e desatou a correr pelo relvado. Atrás dele, o sangue escorria como um rio.

— Na verdade, fui visitar o Fox. Enquanto lá estava, ele sentiu aquele zumbido no cérebro. Explicou que tinha muita estática, como um sinal mal sintonizado. Como a Layla disse que eras a única que estava sozinha, vim ver.

— Estou muito feliz por te ver. — Do rio de sangue, ergueu-se fogo. — Não tinha a certeza se me ia safar com o nosso sinal psíquico do Batman. — Para se estabilizar, ela estendeu a mão e segurou a de Gage.

No relvado, a coisa gemeu de fúria. Saltou e mergulhou no rio de sangue ardente.

— Saída de cena impressionante.

— Tens tomates de aço, porra! — murmurou Gage.

— Um jogador profissional devia aperceber-se melhor de um *bluff*.

Quando cada milímetro do seu corpo começou a tremer, Gage tomou-lhe o queixo nas mãos e virou-lhe o rosto para si.

— É preciso ter tomates de aço para fazer um *bluff* desses, porra!

— Ele alimenta-se do medo. O tanas é que eu lhe ia servir o almoço. Mas o tanas duas vezes é que volto para casa sozinha neste momento.

— Queres voltar para dentro, ou queres ir a outro sítio?

Falou num tom casual, quase despreocupado, sem um vestígio de «está tudo bem, querida». O último nó que Cybil tinha no estômago desfez-se e ela compreendeu que era um nó de orgulho e não de medo.

— Queria estar em Bimini, a beber um *Bellini* na praia.

— Vamos.

Quando ela riu, Gage seguiu o instinto em vez do juízo e beijou-a.

Estúpido, sabia que era estúpido, mas ser esperto não era, nem de longe, tão agradável. O seu sabor era como o seu aspeto — exótico e misterioso. Ela não simulou surpresa nem resistência, apenas correspondeu ao beijo. Quando ele a soltou, ela recostou-se sem deixar de o fitar.

— Bem, não foi um *Bellini* em Bimini, mas foi bom.

— Posso fazer melhor que bom.

— Oh, não duvido. — Deu-lhe uma palmadinha no ombro e levantou-se. — Acho que é melhor irmos para dentro, ver se está tudo bem. — Olhou para o luxuriante relvado verde e para a janela que resplandecia agora sob o sol da tarde. — Deve estar, mas é melhor verificarmos.

— Vamos. — Ele levantou-se para a acompanhar. — É melhor ligares para o escritório do Fox, para saberem que estás bem.

— Sim, da cozinha. Era onde eu estava quando tudo começou. — Apontou a cadeira da sala, caída de lado. — Deve ter sido isto que voou pela sala e me atirou ao chão. O filho da puta atirou-me uma cadeira!

Gage endireitou a cadeira e pegou na faca.

— É tua?

— Sim, que pena não ter chegado a usá-la. — Entrou na cozinha com ele e suspirou lentamente. — A porta das traseiras está fechada e trancada, assim como a janela. Foi ele que fez isso. E isso foi real. É melhor sabermos o que é real e o que não é. — Depois de lavar a faca e voltar a colocá-la no suporte, pegou no telefone para ligar a Layla.

Partindo do princípio que ela queria as coisas como estavam antes, ele abriu a porta e a janela.

— Vou cozinhar — anunciou Cybil depois de desligar.

— Ótimo.

— Isso vai manter-me calma e concentrada. Preciso de algumas coisas, por isso podes levar-me de carro ao supermercado.

— Posso?

— Sim, podes. Vou buscar a minha mala. E como agora estou com *Bellinis* na cabeça, passamos pela loja de bebidas e compramos champanhe.

— Queres champanhe — disse ele após um momento de silêncio.

— Quem não quer?

— Mais alguma coisa na tua lista de recados?

Ela limitou-se a sorrir.

— Podes ter a certeza que vou comprar um par de luvas de borracha. Explico-te pelo caminho.

...

Cybil procurou, estudou e examinou a oferta de produtos. Escolheu tomate com o cuidado e deliberação com que, imaginava ele, uma mulher escolheria uma joia cara. No supermercado bem iluminado, com a música ambiente e as promoções especiais destacadas a néon vermelho, parecia uma rainha das fadas. Talvez Titânia. Titânia também não fora de ceder facilmente.

Ele esperara ficar irritado, ou pelo menos impaciente, com a tarefa doméstica das compras alimentares, mas era fascinante observá-la. Movia-se de uma maneira fluida e a expressão dos olhos revelava que se apercebia de tudo. Perguntava-se quantas pessoas podiam ser aterrorizadas por um demónio e logo a seguir caminhar tranquilamente atrás de um carrinho de supermercado cheio de verduras.

Era impossível não admirar isso.

Dedicou quinze minutos à secção das aves, examinando, rejeitando frangos, até encontrar um que satisfizesse os seus padrões.

— Vamos comer frango? Tudo isto por causa de um frango?

— Não é só um frango. — Ela atirou o cabelo para trás e lançou-lhe o seu típico longo sorriso de esguelha. — É um frango assado com vinho, sálvia, alho, vinagre balsâmico... e outras coisas. Chorarás de alegria a cada dentada.

— Não me parece.

— As tuas papilas gustativas chorarão. Ao longo dos anos, certamente que as tuas viagens te levaram uma ou duas vezes a Nova Iorque.

— Claro.

— Alguma vez jantaste no Piquant?

— Um restaurante francês, muito chique, no Upper West.

— Sim, e uma instituição nova-iorquina. O *chef* foi o meu primeiro amante a sério. Era mais velho, francês, absolutamente perfeito para o primeiro amante a sério de uma rapariga de vinte anos. — Aquele sorriso tornou-se cúmplice e um pouco sedutor. — Ensinou-me muito... sobre cozinha.

— Mais velho, quantos anos?

— Bastantes. Tinha uma filha da minha idade que, naturalmente, me desprezava. — Apalpou uma baguete. — Não, não vou comprar pão aqui, já é muito tarde. Paramos na padaria da cidade. Se não houver nada de jeito, cozo pão.

— Cozes pão?!

— Se for necessário. Se estiver com disposição, pode ser terapêutico e um prazer.

— Como o sexo.

O sorriso dela foi rápido e fácil.

— Exatamente. — Levou o carrinho para a fila e encostou-se à barra.
— Então, quem foi a tua primeira amante séria?

Ela não reparou, ou não pareceu interessar-lhe, que a mulher à frente deles na fila os fitasse, de olhos arregalados, por cima do ombro.

— Ainda não tive nenhuma.

— Bem, isso é uma pena. Perdeste toda a paixão selvagem, as discussões amargas, os anseios loucos. O sexo é divertido sem isto, mas tudo o resto acrescenta intensidade. — Cybil sorriu à mulher que estava à frente deles. — Não concorda?

A mulher corou e encolheu os ombros.

— Ah... sim, acho que sim. Claro. — E desenvolveu um súbito — e, para Gage, simulado — interesse nos jornais do expositor junto à caixa.

— Ainda assim, as mulheres têm mais tendência a procurar essas emoções. É genético, hormonal — continuou Cybil com toda a naturalidade. — Ficamos mais satisfeitas sexualmente quando deixamos que as nossas emoções se envolvam, e acreditamos, mesmo que seja falso, que as emoções do nosso amante também estão envolvidas.

Quando o tapete ficou livre, começou a dispor as compras.

— Eu cozinho — disse para Gage, — tu pagas.

— Não me tinhas dito.

Deu uma palmadinha no frango quando o depositou no tapete.

— Se não gostares do frango, reembolso-te.

Ele observou-a a dispor as compras. Dedos longos, unhas pintadas de um tom claro, um par de anéis brilhantes.

— Posso mentir.

— Não mentirás. Gostas de ganhar mas, tal como as mulheres, as emoções e o sexo, ganhar não dá tanto prazer se fizeres batota.

Ele observou os artigos a serem registados e o total da conta.

— Espero que o frango seja mesmo muito bom — disse, puxando da carteira.

QUATRO

Cybil tinha razão a respeito do frango. Gage nunca comera nenhum tão bom. E achou que ela também tivera razão ao decretar que não haveria discussões sobre a sua experiência ou qualquer tema relacionado com demónios durante a refeição de grupo.

Era fascinante a quantidade de outros assuntos que os seis tinham para conversar, embora estivessem a viver quase ao colo uns dos outros há meses. Planos de casamento, novos planos de negócios, livros, filmes, escândalos de celebridades e bisbilhotices de cidadezinha passaram de um lado para o outro da mesa como se fossem bolas de ténis. Em qualquer outro tempo, em qualquer outro lugar, a reunião teria sido exatamente aquilo que parecia — um grupo de amigos e amantes divertindo-se juntos, em redor de uma refeição bem cozinhada.

E como se inseria ele naquela mistura? A sua relação com Cal e Fox mudara e evoluíra ao longo dos anos, à medida que se tornavam homens. Mudara, sem dúvida, quando ele arrancara as raízes que tinha em Hollow e partira. Mas, na base, continuava a ser o que sempre fora — a amizade de uma vida. Eles, simplesmente, eram. Gostava das mulheres que os amigos tinham escolhido, por serem quem eram e também pela maneira como formavam casais com eles. Era necessário que fossem mulheres únicas para enfrentarem o que enfrentavam e aguentarem-se. Isso dizia-lhe que, se sobrevivessem, os quatro contrariariam todas as probabilidades e fariam funcionar aquela estranha entidade que era o casamento.

De facto, acreditava que teriam muito sucesso.

E, se sobrevivessem, ele voltaria a partir. Ele era o que partia — e vol-

tava. Era assim que fazia a sua vida funcionar, em todo o caso. Havia sempre o próximo jogo e a próxima oportunidade de jogar. Era aí que ele se inseria, pensou, a carta cujo valor se podia escolher de acordo com o próprio jogo.

E só restava Cybil, com o seu cérebro enciclopédico, o seu génio culinário e os seus nervos de aço. Só uma vez, desde que estavam juntos, a vira ir-se abaixo. Twisse desencadeara o medo mais profundo de cada um deles, recordou Gage, que para Cybil era a cegueira. Ela chorara nos seus braços depois de tudo terminar, mas não fugira.

Não, não fugira. Aguentara-se, como todos os outros. Depois, se sobrevivessem, ela também partiria. Não havia uma única célula de rapariga de cidade pequena naquele corpo tão interessante. Era uma mulher adaptável, pensou. Instalara-se facilmente em Hollow, na pequena casa, mas isso era... como a jarra provisória de Frannie Hawkins, percebeu. Era apenas uma paragem temporária antes de partir para algo mais adequado ao seu estilo.

Mas, para onde e para que situação mudaria? Era essa a questão, e ele questionava-se acerca dela mais do que era sensato.

Cybil reparou no seu olhar e arqueou uma sobrancelha.

— Queres um reembolso?

— Não.

— Muito bem. Vou dar um passeio.

— Oh, mas, Cyb... — começou Quinn.

— O Gage pode vir comigo, enquanto vocês os quatro tratam da loiça.

— O Gage livra-se de arrumar a cozinha porquê?

— Ele fez as compras e pagou. Quero apanhar um pouco de ar antes de trazermos para a mesa o tema do Grande Velhaco. Que tal, rapagão? Acompanhas-me?

— Leva o telefone. — Quinn pegou na mão de Cybil. — Pode ser preciso.

— Levo o telefone e visto um casaco. E não aceitarei rebufados de estranhos. Tranquiliza-te, mamã.

Quando ela saiu, Quinn virou-se para Gage.

— Não vão muito longe, está bem? Mantém-te de olho nela.

— Isto é Hawkins Hollow, tudo aqui fica perto.

Cybil vestiu uma camisola leve e enfiou numas sapatilhas pretas os pés que estavam quase sempre descalços. Quando saiu de casa, respirou fundo.

— Gosto das noites de primavera. As de verão ainda são melhores. Gosto do calor mas, nestas circunstâncias, estou a acumular primavera.

— Aonde queres ir?

— À Main Street, claro. Que mais há? Gosto de conhecer o terreno

que piso — continuou. — Por isso ando pela cidade, conduzo nos arredores.

— E, certamente, nesta altura serias capaz de desenhar um mapa detalhado de ambos.

— Não só seria capaz, como já o fiz. Tenho um olho para os detalhes. — Voltou a respirar fundo, soltando mais um suspiro, carregado do cheiro das peónias rosa vivo no jardim fronteiro de uma das casas.

— A Quinn será feliz aqui. Isto é tão conveniente para ela.

— Porquê?

Gage percebeu que a pergunta a surpreendera. Ou, melhor, o facto de ele perguntar, surpreendera-a.

— Vizinhança. É a cara da Quinn. Urbanizações, subúrbios, não, nada disso. É demasiado... artificial. Mas um bairro, onde conheça os empregados do banco e do supermercado pelo nome? Tem tudo a ver com a Quinn. É uma criatura social que precisa de tempo sozinha. Assim, a cidade dá-lhe essa ideia de vizinhança. E a casa fora da cidade permite-lhe o tempo de solidão. Dessa forma, consegue ter tudo — concluiu Cybil. — Além do gajo.

— Que conveniente, o Cal encaixar aí.

— Muito. Admito que, a primeira vez que me falou do Cal, pensei, o quê, o menino do clube de bólingue? A Quinn chegou ao fim da linha. — Rindo, sacudiu o cabelo para trás. — Devia ter vergonha de ter sido preconceituosa. Claro que quando o conheci, pensei, oh, o menino do clube de bólingue é bem giro. Depois, vê-los juntos deu-me a certeza. Do meu ponto de vista, eles têm tudo. Hei de gostar de voltar aqui para os visitar, assim como ao Fox e à Layla.

Viraram para a praça e entraram na Main Street. Um dos carros parados no semáforo tinha os vidros abertos e ouvia-se Green Day em volume alto. Embora a Ma's Pantry e o Gino's permanecessem abertos e houvesse alguns adolescentes junto da porta da pizaria, as outras lojas já estavam fechadas. Às nove, tudo estaria escuro na Ma's, pouco depois das onze o Gino's também fecharia e a cidade ficaria deserta.

— Então, não tens qualquer desejo de construir uma cabana no bosque de Hawkins? — perguntou-lhe ele.

— Uma cabana no bosque seria agradável para um fim de semana de vez em quando. E o encanto da cidade pequena — acrescentou — é apenas isso: encantador para visitas. Adoro fazer visitas. É uma das minhas coisas favoritas. Mas sou urbana de coração e gosto de viajar. Preciso de uma base, ter de onde partir e para onde voltar. Tenho uma bastante boa em Nova Iorque, que a minha avó me deixou. E tu, tens uma base, um quartel-general?

Ele abanou a cabeça.

— Gosto de quartos de hotel.

— Eu também. Ou, para ser mais específica, de um quarto num bom hotel. Adoro o serviço, a conveniência do meu quarto bem mobilado e onde posso pedir o serviço de quartos ou pôr o dístico Não Incomodar, segundo me apeteça.

— Vinte e quatro horas por dia — acrescentou ele. — E chega alguém que limpa tudo enquanto tu estás fora, a fazer qualquer coisa muito mais interessante.

— Não há nada melhor que isso. E gosto de olhar pela janela, para uma vista que não me pertence. Contudo, existem outros tipos de pessoas no mundo, como tantos nesta cidade que o Twisse se obstina em destruir. Pessoas que gostam de olhar para o que lhes é familiar. Precisam e querem esse conforto, e têm direito a ele.

Isso levava-os de novo à casa da partida, pensou Gage.

— E estás disposta a derramar o teu sangue por isso?

— Oh, espero que não, pelo menos, não copiosamente. Mas agora é a cidade da Quinn, e também da Layla. Derramarei o meu sangue por elas. E pelo Cal, e pelo Fox. — Virou a cabeça, encontrou os olhos dele. — E por ti.

Gage sentiu um sobressalto interior, percebendo que Cybil falava verdade mas, antes de poder responder, o telefone dela tocou.

— Salvo pelo toque do telefone — murmurou Cybil, pegando no telemóvel para ler o visor. — Raios, merda, foda-se, desculpa. É melhor despachar isto. — Abriu o telefone. — Olá Rissa.

Afastou-se alguns passos, mas Gage não tinha problemas com a logística nem com a ética de escutar a conversa dela. Ouviu muitas vezes a palavra «não» entre longas pausas em que Cybil apenas escutava. E várias vezes a ouviu dizer com voz fria, «Já te disse» e «Desta vez, não», seguindo-se um «Desculpa, Marissa», que soava muito mais como demonstração de impaciência do que como uma verdadeira desculpa. Quando fechou o telefone, a irritação era evidente no seu rosto.

— Desculpa. Era a minha irmã, que nunca consegui entender completamente o conceito de que o mundo não gira à sua volta. Espero que esteja suficientemente zangada comigo para se manter à distância umas semanas.

— É a irmã do pneu vazio?

— Desculpa? Ah. — Quando ela riu, Gage viu-a recuar à noite em que se tinham conhecido e quase tinham chocado um com o outro numa estrada rural deserta, quando ambos viajavam para Hawkins Hollow. — Sim, é a mesma irmã que me pediu o carro emprestado e o devolveu com um pneu vazio no porta-bagagens. A mesma que, regularmente, «pede em-

prestado» o que lhe apetece e, caso se lembre de devolver, é sempre estragado ou inútil.

— Nesse caso, porque lhe emprestaste o carro?

— Excelente pergunta. Foi um momento de fraqueza. Não tenho muitos. Pelo menos, já não tenho. — O aborrecimento ensombrou-lhe os olhos.

— Aposto que não.

— Está em Nova Iorque, vinda de não sei onde, e não vê por que razão não se pode instalar em minha casa umas semanas, acompanhada de quaisquer parasitas que andem agora a esfolá-la. Mas, caramba, as fechaduras e o código de segurança foram mudados... tiveram de ser, porque da última vez que ficou lá com amigos, deram-me cabo da casa, partiram uma jarra antiga que fora da minha bisavó, levaram algumas coisas emprestadas do meu roupeiro, incluindo o meu casaco de caxemira, que não voltarei a ver, e os vizinhos tiveram de chamar a polícia.

— Parece uma rapariga divertida — comentou ele quando Cybil perdeu o fôlego.

— Oh, é isso mesmo que ela é. Vou desabafar. Tens a opção de ouvir ou de desligar. Ela era a menina da família, por isso foi mimada e estragada como se costuma fazer aos bebés, principalmente se forem bonitos e charmosos. E ela é, bastante bonita, bastante charmosa. Fomos crianças privilegiadas durante a primeira parte das nossas vidas. A família tinha muito dinheiro. Tínhamos uma casa enorme e linda no Connecticut, um par de apartamentos em sítios interessantes. Frequentámos as melhores escolas, viajávamos regularmente para a Europa, convivíamos com os filhos de gente rica e importante. Depois, aconteceu o acidente do meu pai, e a cegueira. — Por um momento ela não disse nada, apenas continuou a andar, de mãos nos bolsos, os olhos fixos no caminho à sua frente. — Ele não aguentou. Não via, não queria ver mais nada. Então, um dia, na nossa casa enorme e linda do Connecticut, trancou-se na biblioteca. Tentaram arrombar a porta quando se ouviu o tiro, os criados, que nessa altura ainda tínhamos. Eu corri para a rua e dei a volta à casa. Vi, pela janela, o que ele tinha feito. Parti o vidro e entrei. Não me lembro muito bem. Era demasiado tarde, claro. Não havia nada a fazer. A minha mãe ficou histérica, a Marissa como louca, mas não se podia fazer nada.

Gage não disse nada, mas Cybil sabia que ele era um homem que raramente dizia alguma coisa. E continuou.

— Ficámos depois a saber que, desde o acidente do meu pai, sofrêramos aquilo a que gostam de chamar «consideráveis reveses financeiros». E como a sua morte prematura não lhe deu tempo para reverter os reveses, tivemos de apertar o cinto. A minha mãe lidou com o choque e a dor, que

eram muito reais para ela, fugindo connosco para a Europa e estoirando grandes quantidades de dinheiro. Um ano mais tarde, estava casada com um Dom Juan que a ajudou a gastar mais e a manipulou para lhe dar a maior parte do que sobrava, antes de partir em busca de paisagens mais agradáveis.

O tom era tão amargo que ele a imaginou a sentir esse sabor na boca.

— Podia ter sido pior, muito pior. Podíamos ter ficado sem nada, mas só tivemos de aprender a viver com recursos mais limitados e a ganhar a vida. A minha mãe voltou a casar, com um homem muito bom. Sólido e generoso. É melhor calar-me?

— Não.

— Ótimo. A Marissa e eu recebemos uma herança, modesta pelos nossos padrões anteriores, quando fizemos vinte e um anos. Ela já se tinha casado no meio de grandes luxos e passara por um divórcio amargo. O dinheiro voou-lhe das mãos como se fosse soprado por um furacão de grau cinco. Faz uns trabalhos de modelo, safa-se bastante bem com fotografias em revistas e cartazes, quando lhe apetece. Mas o que quer é ser uma celebridade, não importa de que tipo, e continua a fazer o estilo de vida de uma, ou o que ela acha ser o estilo de vida de uma. Assim, está muitas vezes falida e só pode contar com o seu charme e beleza como moeda de troca. Como já há muito tempo que isso não funciona comigo, estamos normalmente desavindas.

— Ela sabe onde estás?

— Não, graças a Deus. Não lhe disse nem direi, primeiro porque, apesar de ser uma chata, continua a ser minha irmã e não quero que se magoe. Depois, de forma mais egoísta, não a quero perto de mim. A Rissa é muito parecida com a minha mãe, ou como a minha mãe era antes de este terceiro casamento a ter deixado estabilizada e satisfeita. As pessoas sempre disseram que eu saía ao meu pai.

— Quer dizer que o teu pai era inteligente e *sexy*?

Ela sorriu ligeiramente.

— É uma coisa simpática para dizeres depois de eu ter descarregado em cima de ti. Tenho-me perguntado se ser como o meu pai queria dizer que não seria capaz de enfrentar o pior que a vida me trouxesse.

— Já enfrentaste. Partiste a janela.

Ela suspirou e tremeu, deixando-o perceber a aproximação das lágrimas. Mas conteve-as — ganhando pontos — e virou-se, olhando-o com aqueles profundos olhos negros.

— Muito bem, mereces isto por me teres ouvido, e eu mereço-o por ter tido a inteligência de desabafar com um homem capaz de ouvir.

Agarrou a frente da camisa dele e pôs-se em bicos de pés. Depois dei-

xou escorregar as mãos por cima dos ombros dele e enrolou-lhe os braços em volta do pescoço.

A boca dela era seda, calor e promessa. Moveu-se sobre a dele, num deslizar lento que o convidava a entrar, a provar tudo. Os sabores dela retornaram-se dentro dele, fortes e doces, chamando como um dedo dobrado.

Vem, prova um pouco mais.

Quando ela começou a afastar-se, Gage segurou-a pelas ancas e pô-la de novo em bicos de pés. E provou um pouco mais.

Ela não lamentou. Como poderia? Ela oferecera, ele aceitara. Como podia lamentar ser beijada numa tranquila noite de primavera, por um homem que sabia exatamente como queria ser beijada?

Com força, profundamente, e uma leve sugestão de mordisco.

Se a sua pulsação disparou, se teve formiguiços na barriga, se aquela amostra fazia o seu sistema ansiar, arder por mais, ela escolheu cavalgar a excitação em vez de se afastar, arrependida. Por isso, quando deu um passo atrás, não foi por arrependimento, não foi por cautela, mas com o entendimento claro de que um homem como Gage Turner apreciava um desafio. E oferecer-lhe um seria, indubitavelmente, mais satisfatório para ambos.

— Talvez tenha pago um pouco a mais — disse. — Podes ficar com o troco.

Ele sorriu-lhe.

— Já te dei o troco.

Ela riu e, num impulso, estendeu a mão para a dele.

— Diria que o nosso passeio depois do jantar fez bem aos dois. É melhor voltarmos.

Cybil estava sentada na sala, com as pernas dobradas, uma chávena de chá na mão, relatando o incidente dessa tarde ao grupo e para o gravador de Quinn.

Não se poupou aos pormenores, notou Gage, nem mostrou temê-los.

— Havia sangue na casa — interrompeu Quinn.

— A ilusão de sangue.

— E as moscas, o barulho. A escuridão. Tu também viste e ouviste isso tudo, Gage?

— Sim.

— As portas e as janelas fecharam-se pelo lado de dentro.

— A porta da frente abriu-se, quando eu tentei lá de fora — especificou Gage. — Mas quando voltámos para dentro, a porta da cozinha e a janela por cima do lava-loiça continuavam trancadas.

— Mas aquilo... o rapaz — disse Layla lentamente — estava lá fora, à janela. Não chegou a entrar.

— Acho que não consegui. — Cybil, pensativa, deu um gole de chá. — Ter-me-ia sentido muito mais ameaçada se o sentisse dentro de casa comigo? Se conseguisse entrar, acho que o teria feito. Conseguiu levar-me a ver e ouvir, talvez mesmo sentir, dentro de casa, coisas que não eram reais. Conseguiu trancar a porta, a janela da divisão onde eu estava quando tudo começou, mas não a porta da frente. Talvez tenha gasto essa área do seu poder nas traseiras. O máximo que consegui depois foi fazer-me *pensar* que a porta da frente estava trancada. Estúpida. Naquele momento, não pensei nisso.

— Sim. — Cal abanou a cabeça para ela. — É muito estúpido da tua parte não teres pensado nisso quando a casa sangrava e abanava e tu estavas fechada no escuro com o rapaz-demónio a arrastar-se na janela.

— Agora que percebemos que a Cybil perde completamente a cabeça em momentos de crise, devíamos perguntar-nos por que razão o demónio não conseguiu entrar. — Fox estava sentado no chão, coçando a grande cabeça de *Lump*. — Talvez seja como os vampiros, tem de ser convidado.

— Ou, deixando o Drácula no campo da ficção, que é onde pertence, ele simplesmente não estava de posse de todo o seu poder. Nem estará, durante mais algumas semanas.

— Na verdade... — Cybil franziu o sobrolho. — Se considerarmos as lendas sobre vampiros, não é impossível que os não-mortos, bebedores de sangue, e essas coisas, tenham as suas raízes legítimas neste demónio. Algumas dessas lendas falam da capacidade dos vampiros de hipnotizar as suas vítimas ou inimigos... controlo mental. Alimentam-se de sangue humano. Mas, Quinn, esta área é mais tua que minha.

— Estás a ir muito bem.

— Ok, para continuarmos nesta linha de pensamento, diz-se frequentemente que os vampiros têm a capacidade de se transformarem em morcegos ou lobos. Este demónio, sem dúvida, muda de forma. Aqueles que mudam de forma, de que os lobisomens são um subconjunto, também estão presentes em muitas lendas. Em certa medida, podem ser adulterações deste demónio.

Cybil pegou no seu bloco de notas e foi escrevendo enquanto continuava a falar.

— Não-mortos. Sabemos que pode assumir a forma de uma pessoa que morreu. E se este não for, como pensámos, um truque novo, mas uma capacidade que possuía antes de Dent o aprisionar e só agora que, conforme nos disseram, se aproximam os últimos Sete, seja capaz de o tirar de novo da cartola?

— Então ele mata o tio Harry — propôs Fox. — E, só para se divertir, regressa como tio Harry para aterrorizar e matar o resto da família.

— Ele tem um sentido de humor doentio — concordou Quinn. — Açam que devíamos começar a afiar estacas?

— Não. Mas seria melhor percebermos como funciona a arma de que dispomos. Mesmo assim, isto é interessante. — Pensativa, Cybil bateu com o lápis no bloco de notas. — Se não conseguiu entrar, isso devia dar-nos um pouco mais de segurança e paz de espírito. Algum de vocês já o viu dentro de uma casa?

— Limita-se a fazer as pessoas que estão dentro das casas matarem-se umas às outras ou a si mesmas, ou a deitarem fogo ao sítio. — Gage encolheu os ombros. — Muitas vezes, todas as opções ao mesmo tempo.

— Talvez haja uma forma de bloquear isso ou, pelo menos, de enfraquecer essa capacidade. — Layla levantou-se da cadeira e sentou-se no chão ao lado de Fox. — É energia, não concordam? Energia que se alimenta, ou parece preferir alimentar-se, de emoções negativas. Raiva, medo, ódio. A cada Sete ou à sua aproximação, o seu alvo começam por ser pássaros ou outros animais, cérebros mais pequenos, intelectos inferiores aos humanos. E recarrega a bateria, passando então a pessoas que estão sob qualquer influência. Alcool, drogas ou as emoções que referi. Até ficar mais forte.

— Desta vez, surgiu mais forte — salientou Cal. — Já passou a fase dos animais e conseguiu infetar o Block Kholer ao ponto de quase matar o Fox.

Cybil meditou e Layla pegou na mão de Fox.

— Esse foi um alvo específico, mas não foi capaz de infetar o chefe da polícia, que apareceu e prendeu o Block. Um alvo específico pode ser outra vantagem.

— A não ser que o alvo sejas tu — notou Fox. — Nesse caso, é mesmo lixado.

Cybil sorriu-lhe.

— É bem verdade. Ele não só se alimenta de ódio, mas também odeia. Odeia-nos a nós, em especial. Tanto quanto sabemos, tudo o que fez ou foi capaz de fazer desde fevereiro, teve como alvo um de nós, ou o grupo todo.

Pousou o bloco de apontamentos no braço do sofá.

— Está a gastar muita energia para nos assustar e magoar. Pensei nisso hoje, quando me fechou aqui dentro. Bem, pelo menos antes de ficar demasiado escuro e eu ficar menos arrogante. Pensei que estava a gastar energia. Talvez possamos provocá-lo, para que gaste mais. É verdade que está mais forte e fica cada vez mais forte, mas sempre que monta um espetáculo grande, dá uma trégua a seguir. Ainda está a recarregar baterias. E, embora possa não haver uma maneira de o bloquear ou enfraquecer, poderá haver

um meio de lhe distrair a atenção. Se o alvo formos nós, a sua capacidade de infetar a cidade pode ser diminuída.

— Posso assegurar categoricamente que temos sido o seu alvo principal e, mesmo assim, tem sido muito capaz de lançar o caos na cidade.

Cybil acenou para Fox.

— Porque vocês estiveram sempre na cidade a tentar salvar vidas, a lutar contra ele.

— Que escolha temos? — perguntou Cal. — Não podemos deixar as pessoas desprotegidas.

— Estou a sugerir que talvez as pessoas não precisem de tanta proteção se formos capazes de o afastar.

— Como? E para onde?

— O como pode ser um desafio — começou Cybil.

— Mas quanto ao para onde, a resposta é a Pedra Pagã. Já o tentámos — explicou Gage. — Há catorze anos.

— Sim, li-o nos apontamentos da Quinn, mas...

— Lembras-te da nossa última ida lá? — perguntou-lhe Gage. — Foi um passeio à beira-mar, em comparação com atravessar o bosque de Hawkins em qualquer altura mais perto dos Sete.

— Fizemo-lo dessa vez, há dois Setes. Com grande custo — acrescentou Fox. — Pensámos que podíamos travá-lo se repetíssemos o ritual no mesmo momento, no mesmo sítio. À meia-noite do dia do nosso aniversário, a alvorada dos Sete, por assim dizer. Não resultou, é claro. Quando voltámos para a cidade, as coisas estavam feias. Foi uma das nossas piores noites de sempre.

— Porque não estávamos aqui para ajudar — concluiu Cal. — Deixámos a cidade desprotegida. Não podemos voltar a correr esse risco.

Cybil ia começar a falar, mas mudou de ideias.

— Bem, voltemos à pedra-de-sangue. É um dos novos elementos do nosso lado do campo. Estou a explorar algumas perspetivas. Ia aprofundá-las um pouco mais quando fui tão rudemente interrompida, hoje de manhã. Voltarei ao tema amanhã. Também sugeria, se estiveres disposto, Gage, que tu e eu tentássemos o que o Cal e a Quinn, assim como o Fox e a Layla, já fizeram.

— Queres ter sexo comigo? Estou sempre disposto.

— Isso é muito querido, mas referia-me à combinação de capacidades. Temos o passado. — Apontou para Cal e Quinn. — Temos o presente, com o Fox e a Layla. Eu e tu vemos o futuro. Acho que chegou a altura de descobirmos se, juntos, vemos mais à frente ou mais claramente.

— Estou disposto, se tu estiveres.

— Que tal amanhã? Irei de carro para casa do Cal, talvez por volta da uma.

— Ah, em relação a isso. — Cal pigarreou. — Acho que a partir de hoje, temos de limitar o mais possível o tempo que passamos sozinhos. Ninguém deve ficar sozinho à noite, aqui ou em minha casa. Podemos dividir-nos, de maneira a sermos pelo menos dois, o ideal seria três, em todo o lado. E, durante o dia, devemos andar aos pares sempre que possível. Não deves ir sozinha de carro para minha casa, Cybil.

— Não vou discordar no que diz respeito à segurança e à força dos números. Mas, quem estará com o Fox sempre que ele tiver de ir ao tribunal? Ou com o Gage, quando ande de cá para lá?

Fox abanou tristemente a cabeça para Cal.

— Avisei-te, não avisei?

— Para que se saiba, não me sinto nem um pouco insultada por quererem proteger-me, e às minhas companheiras mulheres. — Cybil sorriu para Cal. — E concordo que devemos manter-nos juntos sempre que possível. Mas não é prático nem viável evitarmos estar algum tempo sozinhos, pois há tarefas que cada um tem de desempenhar por si mesmo. Faltam seis semanas. Acho que podemos todos prometer que seremos sensatos e prudentes. Pela minha parte, juro que não acenderei uma vela para descer sozinha à cave, à meia-noite, a investigar barulhos estranhos.

— Eu posso vir aqui — disse-lhe Gage.

— Não, porque agora é uma questão de princípio. E acho que teremos melhores resultados em casa do Cal. Esta casa ainda me parece...

— Maculada — concluiu Quinn, estendendo um braço para fazer uma festa no joelho de Cybil. — Essa sensação há de desvanecer-se.

— Sim, concordo. Bem, enquanto vocês decidem quem dorme onde esta noite, eu vou para a cama. — Levantou-se e olhou para Gage. — Até amanhã.

Ela queria um longo banho quente, mas apercebeu-se de que isso era demasiado parecido com descer a uma cave às escuras. Por alguma razão eram ambas situações habituais nos filmes de terror. Contentou-se com a rotina noturna de limpar, tonificar, hidratar. Quando se ia deitar, Quinn entrou no quarto.

— Eu e o Cal ficamos aqui esta noite.

— Certo, mas não faria mais sentido irem para casa com o Gage?

— O Fox e a Layla vão para casa do Cal. Eu queria ficar aqui esta noite.

Cybil compreendeu e ficou com os olhos marejados. Sentou-se na cama e pegou na mão de Quinn, encostando-a à face quando a amiga se sentou a seu lado.

— Estava tudo bem até as luzes se apagarem. Eu estava mais interessada e intrigada que com medo. Depois, ficou tudo escuro e eu não via nada. Isso foi o mais horrível de tudo.

— Eu sei. Posso dormir aqui contigo esta noite.

Cybil abanou a cabeça e encostou-a ao ombro de Quinn.

— É suficiente saber que estás do outro lado do corredor. Todos sentimos aquela mácula de que falámos, a mancha que ele deixou dentro de casa. Receava que fosse só eu, que estivesse a ficar paranoica.

— Todos sentimos. Vai desaparecer, Cybil. Não cederemos.

— Ele nunca compreenderá a forma como estamos juntos, nem o que somos juntos. É incapaz de compreender que tu saibas que, esta noite, eu dormiria melhor se tu ficasses em casa, ou que me sentiria melhor por falar sozinha contigo uns minutos.

— É uma das maneiras de o derrotar.

— Eu acredito nisso. — Cybil suspirou. — A Marissa ligou.

— Merda.

— Sim, e foi a merda do costume. Não podes fazer isto, não me arranjas aquilo? Porque és tão má? Foi só mais uma coisa a acrescentar a um dia perturbador. Descarreguei uma boa parte da história infeliz da minha família em cima do Gage.

— A sério?

— A sério. Eu sei que não é o meu estilo habitual. Foi um momento de fraqueza, mas ele aguentou-se bem. Não falou muito, mas disse exatamente o que era preciso. Para terminar, dei-lhe um beijo de fazer explodir o cérebro.

— Bem. — Quinn deu-lhe uma palmadinha amigável no ombro. — Já não era sem tempo.

— Talvez, não sei. Não sei se isto vai complicar as coisas ou simplificá-las, ou se não fará diferença nenhuma. Mas, embora tenha a certeza que o sexo seria bom — na verdade, excelente —, também tenho a certeza que seria tão arriscado como descer à cave para investigar o que é aquele barulho.

— É possível, mas visto que estariam os dois envolvidos, não irias à cave sozinha.

— É verdade. — Cerrando os lábios, Cybil examinou os dedos dos pés. — E teríamos algum conforto quando fôssemos os dois mortos à machadada.

— Pelo menos, terias tido sexo antes.

— Sexo excelente. Vou dormir a pensar nisso. — Deu um apertão a Quinn. — Vai lá aninhar-te com o teu homem adorável. Vou fazer um pouco de ioga para relaxar antes de me deitar.

— Chama-me se precisares de mim.

Cybil fez que sim com a cabeça. Era aquilo, pensou quando Quinn saiu. Era uma constante na sua vida. Se precisasse de Quinn, só tinha de a chamar.

CINCO

Ela estivera nos seus sonhos e, nos sonhos, fora para a sua cama. Nos seus sonhos, os lábios dela, macios e ansiosos, cediam aos seus. O seu corpo, elegante e macio, arqueava-se, com braços longos, pernas longas, abraçando-o no calor e na fragrância. No feminino.

A glória selvagem do cabelo negro contra lençóis brancos derramava-se do seu rosto enquanto aqueles olhos profundos e sedutores o observavam.

Ela erguia-se. Abria-se. Recebia-o dentro de si.

Nos seus sonhos, o seu sangue batia como se fosse um coração, e o coração batia-lhe no peito como se fosse um punho. Dentro dele, dor e desespero enrolavam-se num emaranhado louco de desejo. Cercado, perdido, tomou-lhe novamente os lábios. O sabor, aquele sabor que ardia dentro dele como uma febre enquanto os corpos corriam juntos. Mais depressa. Mais depressa.

À sua volta, o quarto começou a sangrar e a arder.

Ela gritou, arranhando, as unhas como dentes enquanto o mar de chamas sangrentas rolava por cima deles. E a palavra que ela gritou enquanto eram consumidos foi *bestia*.

Voltou a acordar à primeira luz. E isso, pensou Gage, tinha de acabar. Não sentia particular afinidade com as manhãs, e agora parecia condenado a lidar com elas. Não conseguia voltar a dormir depois do pequeno filme que o seu subconsciente elaborara. Era terrível um sonho tão promissor ter dado uma volta tão grande no momento do... clímax.

Ele conseguia perceber o simbolismo, pensou, fixando o teto do quarto de hóspedes de Cal. Era fácil identificar a rampa de lançamento para a maior parte do entretenimento daquela noite.

Era homem. Estava excitado.

Além disso, adequava-se à sua fantasia vê-la ir ter consigo em vez de a perseguir. Tinham feito um pacto, não há muito tempo, acerca daquele assunto. Como ela dissera: «Tu não tentarás seduzir-me e eu não farei de conta que sou seduzida.»

Recordar as suas palavras fê-lo sorrir à luz débil da aurora. Porém, se ela tomasse uma atitude, pelo que lhe dizia respeito, todas as apostas estavam feitas. O desafio era levá-la a tomar essa atitude de maneira a acreditar que a ideia fora dela.

Porém, o interlúdio no sonho acabara mal. Podia atribuir isso à sua própria natureza cínica e pessimista, ou podia considerá-lo um presságio. Ou, terceira opção, um aviso. Se se deixasse envolver com ela — porque, no sonho não se tratara apenas de sexo, ele estava *envolvido* —, podiam ambos pagar o preço final. Sangue e fogo, pensou, como de costume. E não fora o nome do amante que ela gritara ao ser consumida pela paixão e pelas chamas, mas *bestia*.

A palavra latina para besta. Uma língua morta usada pelos deuses e guardiães mortos.

Posto de uma forma simples, a distração do sexo desconcentrá-los-ia e o Grande Velhaco atacá-los-ia quando estivessem indefesos. O que queria dizer que qualquer uma das opções indicava que a melhor aposta era manter as calças vestidas, pelo menos no que dizia respeito a Cybil Kinski.

Saiu da cama. Ia tomar um duche para esquecer o sonho e as necessidades que este atizara. Ele era muito bom a controlar as suas necessidades. Se estava inquieto e excitado, isto queria dizer que precisava de jogo e sexo. Trataria de arranjar ambos. Uma viagem rápida a Atlantic City satisfaria ambas as necessidades, eliminando quaisquer possíveis complicações ou consequências.

E ele e Cybil usariam a tensão sexual que existia entre ambos como fonte de energia para o bem supremo. Claro que se ganhassem, se sobrevivessem, arranjaria uma maneira de a despir, e então descobriria se a sua pele era tão macia quanto parecia, se o seu corpo era tão flexível, se...

Esta linha de pensamento não o ajudaria a controlar as suas necessidades.

Limpou-se, descartou a hipótese de se barbear (para quê?) e depois vestiu calças de ganga e uma t-shirt preta, porque foi o que encontrou primeiro. Quando começou a descer as escadas, ouviu um murmúrio de vozes e uma gargalhadinha *sexy* atrás da porta fechada do quarto. Os pombinhos

tinham acordado cedo e já estavam a arrulhar, pensou. Era provável que assim continuassem tempo suficiente para ele tomar uma chávena de café, sozinho e sossegado.

Na cozinha, começou a fazer a primeira cafeteira do dia e, cogitando, saiu de casa para ir à caixa dos jornais. Na encosta diante da casa de Cal havia um motim de flores em botão. As azáleas — uma das únicas plantas ornamentais que era capaz de reconhecer — estavam vistosamente em flor. Uma espécie de chorão delicado descrevia um arco por cima delas, escorrendo cor-de-rosa. Todas essas cores e formas tombavam na direção do caminho de gravilha, alegres como crianças, enquanto os bosques se estendiam para lá dos seus limites, num verde cada vez mais espesso que escondia os seus segredos, a sua alegria e os seus terrores.

Os pássaros trinavam, o riacho sinuoso murmurava e os seus passos produziam estalidos. Algumas das flores de Cal eram fragrantas e o seu perfume flutuava no ar enquanto a luz manchada do Sol brincava sobre o riacho.

Apaziguador, pensou ele, os sons, os aromas, o cenário. E, para um homem como Cal, inquestionavelmente satisfatório. Ele próprio também desfrutava, em períodos breves, admitiu Gage, tirando da caixa azul o jornal da manhã. E também precisava, sem dúvida, de infusões de Cal e de Fox. Contudo, se esses períodos se tornassem demasiado longos, começava a entrar em carência de néon, dos panos verdes nas mesas de jogo, das buzinas e das multidões. A ansiar pela ação, pela energia, pelo anonimato de um casino ou de uma cidade grande.

Se matassem o filho da mãe e sobrevivessem, partiria para qualquer lugar durante umas semanas. Voltaria em setembro para o casamento de Cal mas, entretanto, existia lá fora um mundo imenso e uma série de cartas a serem jogadas. Talvez Amsterdão ou Luxemburgo, para uma mudança de ritmo.

Ou, se estivesse em modo «despir-Cybil», sugeriria Paris. Romance, sexo, jogo e moda ao mesmo tempo. Achou que ela gostaria da ideia. Afinal, ela partilhava a sua afeição pelas viagens e pelos bons hotéis. Descobrir como seria uma viagem em conjunto poderia ser uma boa forma de celebrar o facto de sobreviver ao trigésimo primeiro aniversário.

Cybil estava destinada a mudar-lhe a sorte — para o bem ou para o mal, era o que se veria —, mas uma mulher daquelas tinha influência. Estava disposto a correr o risco.

Algumas semanas de divertimento puro, sem amarras, depois voltariam, veriam os amigos dar o nó e seguiriam os seus caminhos separados. Decidiu que esse era um bom plano, que podia facilmente ajustar-se aos caprichos e às circunstâncias.

Com o jornal debaixo do braço, encaminhou-se para casa.

A mulher encontrava-se do outro lado da pequena ponte de madeira que atravessava o riacho. Tinha os cabelos soltos em volta dos ombros e brilhava em dourado pálido sob a luz do Sol. O vestido comprido e de gola alta era de um azul discreto. O seu coração disparou, pois sabia tratar-se de Ann Hawkins, morta há séculos.

Porém, apenas por um instante, quando ela sorriu, conseguiu ver a mãe.

— Tu és o último dos filhos dos filhos dos meus filhos. És o que surgiu de mim e do meu amor, o que nasceu da paixão, do sangue-frio, do sacrifício amargo. A fé e a esperança chegaram antes de ti e devem permanecer firmes. Tu és a visão. Tu e aquela que veio da escuridão. O vosso sangue, o sangue dele, o nosso sangue. Assim, a pedra fica completa mais uma vez. Assim, sereis abençoados.

— *Blá, blá, blá* — disse ele, perguntando-se se os deuses o poderiam matar por responder torto a um fantasma. — Porque não me dizes como usá-la, para acabarmos com isto e prosseguirmos as nossas vidas?

Ann Hawkins inclinou a cabeça e diabos o levassem se não viu um olhar de *mãe* naquele rosto.

— A raiva também é uma arma, se usada com critério. Ele fez tudo o que pôde, deu-vos tudo aquilo de que viriam a precisar. Só tens de ver, confiar naquilo que sabes, aceitar o que te é concedido. Chorei por ti, meu filho.

— Muito agradecido, mas as lágrimas não me serviram de muito.

— As dela servirão, quando as derramar. Não estás sozinho. Nunca estiveste. Do sangue e do fogo, surgiram a luz e a escuridão. Com sangue e fogo, uma delas prevalecerá. A chave para a tua visão, para as respostas, está na tua mão. Vira-a e vê.

Quando a figura se desvaneceu, ele continuou imóvel. Era típico, pensou. Tipicamente feminino. Não eram capazes de fazer as coisas de maneira simples. Irritado, atravessou a ponte e subiu a rampa até casa.

Os pombinhos estavam na cozinha, pelo que perdera a oportunidade de uma chávena de café tranquila e solitária. Estavam enrolados um no outro, claro, de lábios colados diante da maldita cafeteira.

— Parem com isso. — Gage empurrou Fox com o ombro para o afastar da cafeteira.

— Ainda não tomou a primeira chávena. — Fox deu a Layla um último apertão antes de pegar na *Coca-Cola* que já abrira. — Antes disso, fica de mau humor.

— Queres que te prepare o pequeno-almoço? — ofereceu Layla. — Temos tempo antes de sairmos para o escritório.

— És a mulher ideal. — Depois da declaração mal-humorada, Gage

tirou uma caixa de cereais do armário e tirou um punhado de cereais com a mão. — Estou bem. — Depois semicerrou os olhos para Fox, que abria o jornal. — Fui lá fora buscá-lo, estou primeiro.

— Só quero ver os resultados dos jogos, Senhor Feliz. Há *Pop-Tarts* por aqui?

— Meu Deus, és patético.

— *Meu*, estás a comer cereais diretamente da caixa. Bebe lá o café.

Franzindo o sobrolho, Gage olhou para a mão. Era verdade. E visto que o café aliviou a maior parte da sua má disposição, voltou a olhar para Layla com um sorriso fácil.

— Bom-dia, Layla. Disseste alguma coisa acerca de fazer o pequeno-almoço?

Ela riu.

— Bom-dia, Gage. Sou capaz de ter dito qualquer coisa, num momento de fraqueza. Mas, como estou bastante bem disposta, posso fazê-lo.

— Ótimo, obrigado. Enquanto o fazes, vou contar-vos a visita que recebi durante o meu passeio matinal.

Layla imobilizou-se, com a mão na porta do frigorífico.

— Ele voltou?

— Não foi ele. Foi ela. Bem, não sei se um fantasma tem sexo, não pensei muito nisso.

— A Ann Hawkins. — Fox pôs o jornal de lado. — Que disse?

Enchendo novamente a sua chávena, Gage contou-lhes.

— Agora já toda a gente a viu, de uma maneira ou de outra, exceto a Cybil. — Layla pousou uma travessa de fatias douradas no balcão do pequeno-almoço.

— Sim, e aposto que isto vai irritá-la — comentou Gage, espetando duas fatias com um garfo.

— Sangue e fogo. É bem verdade que já houve muito disso, em sonhos e na realidade. E foi o que voltou a unir a pedra-de-sangue, em resultado da tempestade cerebral da Cybil — recordou Fox. — Talvez ela tenha outra agora.

— Conto-lhe tudo quando chegar.

— O mais depressa possível. — Com mão generosa, Fox deitou com-pota na sua pilha de fatias douradas. — Eu e a Layla passamos lá em casa antes de irmos para o escritório.

— Ela vai querer que lhe conte tudo outra vez quando chegar aqui.

— Mesmo assim. — Fox deu uma dentada e sorriu para Layla. — Está fantástico.

— Mas não são *Pop-Tarts*.

— Melhor ainda. Tens a certeza que não queres que vá contigo ao banco esta tarde? Já sei que tens os papéis todos em ordem, mas...

— Estou bem. Tens um dia ocupado hoje. Além disso, com as minhas duas investidoras, não vou pedir um empréstimo muito grande. Será antes um empréstimo pequeno e eficaz.

E assim passavam, pensou Gage, do tema dos fantasmas para o tema das taxas de juro. Deixou de lhes prestar atenção e começou a ler os títulos do jornal que recuperara. Até se aperceber de um comentário.

— A Cybil e a Quinn vão investir na tua loja?

— Sim. — O sorriso de Layla era radioso como o Sol. — É fantástico. Espero que seja fantástico também para elas, farei com que seja. É maravilhoso e deixa-me atónita, terem este género de confiança em mim. Tu sabes como é, porque sempre o tiveste com o Cal e o Fox.

Ele concordou e pensou que este era mais um aspeto tangível da interligação entre os seis. Ann dissera-lhe que não estava sozinho. Nenhum deles estava, percebeu. Talvez fosse isso, apenas isso, que inclinasse os pratos da balança a favor deles.

Quando ficou sozinho em casa, passou uma hora a escrever e a responder a *e-mails*. Tinha um contacto na Europa, um tal professor Linz, especialista em demonologia e lendas. Estava cheio de teorias e de muita retórica, mas fornecera-lhe alguma informação que Gage considerava importante.

E, quanto mais informação se lançasse para dentro do chapéu, maiores eram as possibilidades de estar lá dentro o bilhete vencedor. Não faria mal algum conhecer a perspectiva de Linz sobre a última hipótese de Cybil. Seria a pedra-de-sangue (*a sua* pedra-de-sangue) um fragmento de um todo maior, de alguma fonte mítica de poder mágico?

Enquanto lhe escrevia, abanava a cabeça. Se alguém fora daquele círculo íntimo de amigos soubesse que passava uma parte do seu tempo a pesquisar informações sobre demónios, rir-se-ia a bandeiras despregadas. Mas os conhecidos que estavam fora desse círculo apenas viam o que ele os deixava ver. Nenhum chegara ao nível do que considerava um amigo.

Conhecidos, companheiros de jogo, casos de cama. Por vezes ganhavam o seu dinheiro, por vezes ele ganhava o deles. Podia oferecer-lhes uma bebida, ou beber uma ou duas pagas por eles. Quanto às mulheres — fora das mesas de jogo —, dedicava-lhes algumas horas ou alguns dias, se fosse adequado para ambos.

Tudo chegava e partia, sem dificuldades.

Porém, por qualquer razão, aquilo parecia-lhe de repente mais patético que um homem adulto querer comer uma *Pop-Tart* ao pequeno-almoço.

Chateado consigo próprio, passou as mãos pelos cabelos e recostou-se na cadeira. Ele fazia o que lhe apetecia e vivia como queria. O facto de estar ali e enfrentar tudo aquilo era uma escolha sua. Se não sobrevivesse à pri-

meira semana de julho, tanto pior. Mas não se podia queixar. Vivera trinta e um anos e vira o mundo à sua maneira. De tempos a tempos, vivera extraordinariamente bem e preferia sobreviver para voltar a ter mais momentos desses. Mais alguns lançamentos de dados, mais algumas mãos para jogar. Se não sobrevivesse, aceitaria o destino.

Já concretizara o objetivo mais importante da sua vida. Saíra de Hollow e, por mais de quinze anos, quando alguém lhe levantava uma mão, ripostava, e com mais força.

O velho estava bêbado nessa noite, recordou Gage. Bêbado e sujo, depois de ter caído, de cara no chão, da camioneta em mau estado que conseguira conduzir alguns meses. Ficava sempre pior quando caía da camioneta do que quando conseguia ziguezaguear dentro dela ao longo da estrada.

Era verão, lembrou Gage. Uma daquelas noites de agosto em que até o ar suava. A casa estava limpa, porque desde abril que o velho não bebia. Porém, situar-se no terceiro andar por cima do clube de bólingue significava que aquele ar suado ia subindo até se alojar ali, troçando dos esforços do ar condicionado. Mesmo passada a meia-noite, a casa estava húmida e, mal lá entrava, Gage lamentava não ter ficado em casa de Cal ou de Fox.

Mas ele tivera uma espécie de encontro amoroso, daqueles em que um rapaz precisava de se livrar dos amigos se quisesse ter alguma possibilidade de marcar pontos.

Calculou que o pai estivesse na cama, a dormir ou a tentar adormecer, por isso entrou na cozinha em bicos de pés. Havia um jarro meio cheio de chá gelado, uma daquelas porcarias instantâneas que era sempre demasiado doce ou demasiado amarga, por mais que se fizesse. Mesmo assim, bebeu dois copos antes de começar à procura de algo que lhe tirasse aquele gosto da boca.

Que pena não ter piza. As pistas e a churrascaria estavam fechadas, não valia a pena ir até lá. Encontrou metade de uma sandes de carne, que devia ter alguns dias. Isso, porém, são pormenores mesquinhos que não importam aos adolescentes.

Comeu-a fria, por cima do lava-loiça.

Depois de comer, limpou as migalhas. Lembrava-se perfeitamente do cheiro do apartamento quando o pai andava a beber muito. Comida estragada, lixo antigo, suor, uísque e fumo. Era agradável, apesar do calor, a casa ter um cheiro normal. Não era tão bom como o da casa de Cal ou de Fox. Aí, havia sempre velas ou flores, ou aqueles pratinhos de pétalas e cheiros. E o aroma feminino que lhe parecia ser apenas loções e perfumes sobre a pele.

Em comparação, aquilo era um pardieiro, um sítio onde não queria levar uma namorada, pensou, olhando em volta. Mas servia, para

já. A mobília era velha e gasta, e as paredes precisavam de uma pintura. Talvez no outono, quando ficasse mais fresco, ajudasse o velho a pintá-la.

Talvez também comprassem uma televisão que tivesse sido fabricada na última década. As coisas corriam bastante bem, agora que ambos tinham trabalho a tempo inteiro durante o verão. Ele andava a poupar para uns auriculares novos, mas podia separar metade para a televisão. Ainda faltavam algumas semanas para o reinício das aulas e receberia mais alguns pagamentos. Seria bom ter uma televisão nova.

Pousou o copo e fechou o armário. Ouviu os passos do pai nas escadas e percebeu imediatamente.

O otimismo correu para fora dele como se fosse água. O que lhe restou, endureceu como pedra. Estúpido, pensou, estúpido por se permitir acreditar que o velho se manteria sóbrio. Estúpido por acreditar que poderiam vir a ter alguma coisa de jeito naquela espelunca.

Decidiu fechar-se no quarto. A seguir pensou: *Que se lixe*. Assistiria em primeira mão ao que o filho da puta bêbado tinha para dizer.

Então aguardou de pé, diante da porta, com os polegares nos bolsos dos jeans, como um pistoleiro, como se fosse um capote vermelho provocador a acenar ao touro. O pai abriu a porta.

Abanando, Bill Turner segurou-se à ombreira. Tinha o rosto vermelho da subida, do calor, da bebida. Mesmo do outro lado da sala, Gage sentia o suor do uísque a sair-lhe pelos poros. A t-shirt estava manchada de suor debaixo dos braços e na frente, num V empapado. O seu olhar, ao encontrar o de Gage, era enevoado e mau.

— Estás a olhar para onde, caralho?

— Para um bêbado.

— Tomar umas cervejas com amigos não faz de mim um bêbado.

— Estava enganado, então. Estou a olhar para um bêbado mentiroso.

A maldade no olhar de Bill intensificou-se. Era como ver uma serpente enrolar-se.

— Cuidado com a puta da língua, rapaz.

— Eu já devia saber que não eras capaz. — Mas fizera-o, durante quase cinco meses. Mantivera-se sóbrio no aniversário de Gage e, ele sabia, fora aí que começara a acreditar. Pela primeira vez desde que começara a beber, o pai mantivera-se sóbrio no seu aniversário.

O desapontamento, a traição, eram uma chicotada mais forte do que qualquer uma que já levara com o cinto. Matava qualquer pingão de esperança que tivesse.

— Não é da tua conta — ripostou Bill. — Isto é a minha casa. Não das ordens debaixo do meu teto.

— O teto é do Jim Hawkins e pago renda, tal como tu. Bebeste outra vez o teu ordenado?

— Não tenho de te dar justificações. Cala a boca, ou...

— O quê? — provocou Gage. — Estás tão bêbado que mal te tens de pé. Que diabo vais fazer? E que me importa a mim? — concluiu, com repugnância. Virou-se e começou a dirigir-se para o quarto. — Quem me dera que bebesses até te matares e acabasses o trabalho de uma vez.

Apesar de bêbado, Bill era rápido. Lançou-se através da sala e atirou Gage de encontro à parede.

— Não prestas para nada, nunca prestaste. Não devias ter nascido.

— Já somos dois. Agora, tira as mãos de cima de mim.

Duas bofetadas rápidas fizeram soar campainhas nos ouvidos de Gage e rasgaram-lhe o lábio inferior.

— Já é tempo de aprenderes a respeitar-me, raios.

Gage recordou o primeiro soco, a forma como esmurrara a cara do pai e o choque nos seus olhos. Algo se partira — o velho candeeiro de pé — e alguém não parava de praguejar hediondamente. Seria ele?

A memória clara seguinte era a de se encontrar por cima do pai, que estava estendido no chão, com o rosto ferido e a sangrar. Os seus próprios punhos tinham ficado magoados com os golpes que dera e doíam-lhe os nós dos dedos, inchados e a sangrar, que começavam a curar-se. A respiração saía-lhe e entrava-lhe ruidosamente nos pulmões e o suor ensopava-o como se fosse água.

Quanto tempo esmurrara o velho? Era tudo uma névoa vermelha e quente. Porém, quando esta se desvanecera, o que existia por trás dela era frio como gelo.

— Se alguma vez me voltares a tocar, se mais alguma vez me puseres o caralho de uma mão em cima, mato-te. — Agachado, aproximou-se mais dele para ter a certeza de ser ouvido. — É uma jura. Dentro de três anos, partirei. Tanto se me dá que, entretanto, te mates com bebida. Já deixei de me importar. Terei de viver aqui pelo menos a maior parte do tempo nos próximos três anos. Entregarei a minha parte da renda diretamente ao senhor Hawkins. Não te darei um cêntimo. Comprarei a minha comida e a minha roupa. Não quero nada de ti. Mas, por mais bêbado que estejas, é bom que retenhas esta ideia. Se me voltares a bater, cabrão, és um homem morto.

Levantou-se, foi para o quarto e fechou a porta. No dia seguinte compraria uma tranca que mantivesse o cabrão do lado de fora.

Podia partir. Exausto, sentou-se na ponta da cama e tombou a cabeça nas mãos. Podia empacotar as suas coisas e, se aparecesse à porta de Cal ou à de Fox, seria acolhido, porque eles eram esse género de pessoas.

Mas precisava de se manter firme, de mostrar ao velho e, principalmente, a si mesmo, que podia ficar ali. Faltavam três anos para fazer dezuito, pensou. Depois, seria livre.

Talvez não fosse bem assim, pensava Gage agora. Ele aguentara-se ali e o velho nunca mais lhe levantara uma mão. E, ao fim de três anos, partira. Porém, liberdade? Essa era outra história.

Carregas o passado contigo, pensou, arrastando-o atrás de ti com uma corrente grossa e inquebrável, por mais à frente que olhes. Podes ignorá-lo por grandes extensões do caminho, mas não lhe podes escapar. Ele podia arrastar aquela corrente por mais de dez mil milhas, mas Hollow, as pessoas que amava e ali viviam, e o raio do seu destino, continuavam a puxá-lo para trás.

Afastou-se do computador e desceu para ir buscar mais café. Sentado à bancada, dispôs um jogo de Solitário. Acalmava-o sentir as cartas, ouvir o seu som, ver as suas cores e formas. Quando ouviu bater à porta, viu as horas. Aparentemente, Cybil vinha adiantada. Deixou as cartas onde estavam, grato por o jogo lhe ter mantido os pensamentos afastados do passado e da mulher.

Quando abriu a porta, viu Joanne Barry no alpendre.

— Olá...

Ela limitou-se a olhá-lo por um momento. O seu cabelo escuro estava entrançado atrás, como frequentemente o usava. Tinha os olhos claros no rosto bonito e o corpo esguio vestido com calças de ganga e uma camisa de algodão. Tocou-lhe o rosto e beijou-lhe a testa, as bochechas, os lábios, a sua maneira habitual de cumprimentar as pessoas que amava.

— Obrigada pela orquídea.

— De nada. Desculpa, não estavas em casa quando lá fui. Queres entrar? Tens tempo?

— Sim, gostaria de entrar por uns minutos.

— Deve haver aqui qualquer coisa para beber. — Conduziu-a à cozinha.

— O Cal tem aqui uma bela casa. É sempre uma surpresa.

— A sério?

— Que ele... vocês todos, sejam homens adultos. Que o Cal seja um homem adulto e esta casa tão agradável, com uns jardins tão bonitos, seja dele. De vez em quando, acordo de manhã e penso: «Tenho de acordar os miúdos e arranjá-los para a escola.» Depois lembro-me que os miúdos já são crescidos e saíram de casa. É um alívio e um murro no peito, ao mesmo tempo. Tenho saudades dos meus meninos.

— Nunca te livrarás de nós. — Conhecendo Jo, descartou imediatamente as gasosas, pois sabia que ela só bebia sumos ou água engarrafada.

— Posso oferecer-te água ou uma coisa que me parece ser sumo de uva.
— Estou bem, Gage, não te preocupes.
— Podia fazer chá, ou tu podias. Eu provavelmente... —
Interrompeu-se porque, ao virar-se, viu uma lágrima escorrer pelo rosto dela. — Que foi? Que se passa?
— A nota que me deixaste, com a planta.
— Esperava conseguir falar contigo. Passei pela casa da mãe do Cal, mas...
— Eu sei. A Frannie disse-me. Escreveste: «Poque estiveste sempre presente para mim. Porque sei que estarás sempre.»
— Pois escrevi. É verdade.
Com um suspiro, ela abraçou-o e repousou-lhe a cabeça no ombro.
— Toda a tua vida, quando tens filhos, tens dúvidas e preocupas-te. Fiz isto bem? Devia ter feito isto, dito aquilo? Depois, de repente, num estalar de dedos, os teus filhos são crescidos. E continuas a ter dúvidas e a preocupar-te. Poderia ter feito isto, será que me lembrei de dizer aquilo? Se tiveres muita sorte, um dia, um dos teus filhos... — Jo chegou-se para trás para o olhar nos olhos. — Porque tu também és meu e da Frannie. Um dos teus filhos escreve-te uma nota que vai como uma seta, direita ao teu coração. E toda a preocupação desaparece. — Lançou-lhe um sorriso, com os olhos húmidos. — Pelo menos, por um momento. Obrigada por esse momento, bebé.
— Eu não teria sobrevivido sem ti e a Frannie.
— Acho que não tens razão nesse ponto. Mas não há dúvida que ajudámos. — Agora ela ria-se e deu-lhe um apertão forte. — Tenho de ir. Vai visitar-me um dia destes.
— Irei. Acompanho-te.
— Não sejas tolo, eu sei o caminho. — Começou a andar, depois virou-se. — Rezo por ti. Já sabes que cubro todas as bases. Rezo a Deus, à deusa, a Buda, a Alá... Não excluo nenhum. Só quero que saibas que não passa um dia sem que eu vos tenha a todos nas minhas orações. Chateio o mais possível todos os poderes superiores que possam existir. Hão de sobreviver a isto, todos vocês. Não aceito um não como resposta.